

Revista  
escrito & descrito  
No. 1, Vol. 1, 2025.  
**Transubstanciação da Paisagem Poética**

Revista  
escrito&descrito  
n.1 v. 1  
**Transubstanciação da Paisagem Poética**



Editor-chefe: Matheus Fernando Gomes de Azevedo (Mathenovê)

Endereço: Bairro Kennedy, Caruaru, Pernambuco.

Idioma: português

Portal de publicação: Calaméo

Nível de conteúdo: divulgação

Tipo de suporte físico: On-line

Periodicidade: Trimestral

**EXPEDIENTE**

**Organizador**

Matheus Fernando Gomes de Azevedo (Mathenovê)

**Editor adjunto**

João Luiz Nascimento Melo (João1301)

Linha editorial: A revista *Escrito & Descrito* é dedicada a publicação de escritores e artistas visuais, tornando o espaço artístico-literário coletivo e democrático, com o objetivo de explorar narrativas e filosofias que fazem parte de nossa cultura, cotidiano e composição social. Buscamos textos e artes visuais inovadoras que conversem com a atualidade e nossa estética voltada à inclusão, à diversidade e ao amor pela arte brasileira.

**Conselho editorial**

Mariana de Lima Silva  
Joebson José da Silva

**Capa alternativa**

Antonina Maslova

contatos

E-mail | [revistaescritodescrito@gmail.com](mailto:revistaescritodescrito@gmail.com)

(81)99455-9247

@revistaescritodescrito

apoio:



Revista  
**Ju Mtos**

**clandestina**  
uma casa de psicanálise,  
literatura & outras artes





REVISTA ESCRITO & DESCRITO  
n.1 v. 1  
*Linguagens e Artes Visuais*

Apresenta...

apoio:



Revista  
**Jumtos**

**clandestina**  
uma casa de psicanálise,  
literatura & outras artes



# TRANSUBSTANCIAÇÃO DA PAISAGEM POÉTICA

Queridos, essa edição foi inspirada pela minha antiga coluna na revista Ikebana, também intitulada *Transubstanciação da Paisagem Poética*. Fique com o texto que deu a luz a essa edição:

*"Tudo que é criado, olhado de forma diferente, especulado, místico e incompreendido faz parte de um processo de transsubstancia, na qual entende-se por arte. Arte é mudança. É transformação. Substância em transformação. No entanto, a arte precisa de uma paisagem, um lugar, um estado, um desejo. E quando essa paisagem transmuta com a arte, temos como produto a linguagem poética. Pura identidade. Pura ressonância do eu. Puro signo."*

Essa edição se divide em 2 grandes atos: o primeiro foi intitulado: "A transubstanciação" com as artes visuais selecionadas. E o segundo ato intitulado "A paisagem poética" com os poemas curtos selecionados. Essa edição contou com mais de 50 artistas selecionados de todo o Brasil. Nossa tema reforça que a arte passa por um processo de mudança. Tudo muda. Um poema não será como o outro. Os pensamentos também. Assim, podemos explorar ainda mais as filosofias cotidianas dos escritores e artes visuais brasileiros.

at.te Mathenovê - editor



A handwritten signature in black ink, appearing to read "Mathenovê" followed by the year "2025".



Pintura: Mathenovê, 2024.

***Artistas visuais***

Aline Silva  
Charlotte Borges  
Elidiomar Ribeiro  
Iris Marcolino  
João Inácio  
José Jorge  
Histérica  
Lorena Falcão  
Maria das Nuvens  
Mariana Marques  
Mateus Ruas  
Ofélia Frantumare  
Pombo  
Rafael Vaz  
Thalyta Monteiro  
Extra: Jane Azevedo

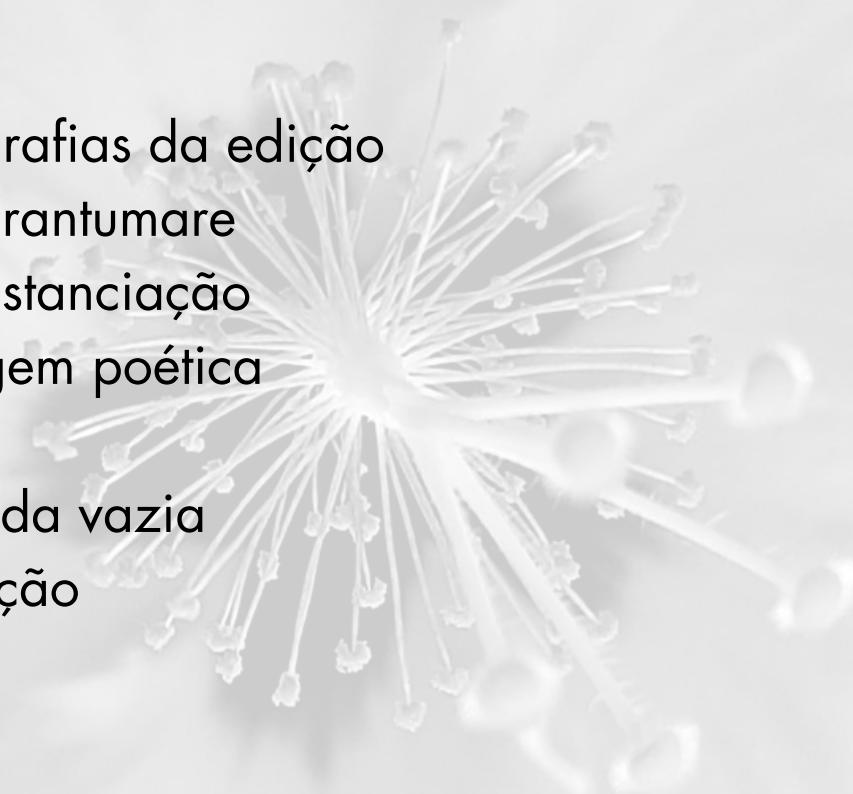
***Escritores***

Ana Lucia Lins  
Andreia Santos  
Beatriz Vilela  
Cássia Antunes  
Duda Junqueira  
Eduardo Silva  
Elidiomar Ribeiro  
Emanuella Forte  
Fernanda Luiza  
Gabriela Lages Veloso  
Hidelbrando Lino  
Igor dos Santos Mota  
Iteuane Casagrande  
Jacqueline de Campos  
Jade Rossoni  
Jane Pinheiro

José Jorge  
Judi Olli  
Leandro Aparecido  
Liana Timm  
Lucas Perito  
Lúcia Centeno  
Manu Monteiro  
Paulo Brás  
Pedro Albuquerque  
Priscila Trindade de Aguiar  
Rafael Guillermo Salles  
Regiane Teixeira Marcos  
Ser Imenso  
Sílvia Henriques  
Ubertam Santos  
Vitória de Jesus Leandro



# sumário

- 
- 10 Poemas visuais & fotografias da edição
  - 21 Entrevista com Ofélia Frantumare
  - 30 Primeiro ato: A transubstanciação
  - 79 Segundo ato: A paisagem poética
  - 108 Indicações de livros
  - 114 Resenha do livro Avenida vazia
  - 126 Parceiros da nossa edição

Fotografia: Joebson José

p o e m a s  
v i s u a i s  
& f o t o g r a f i a s  
d a e d i ç ã o

*As coisas mais belas são escritas e descritas.*



Pintura: Mathenovê, 2024.





Fotografia: Mathenovê, 2025.

com quantas cabeças de pássaro  
se faz um pássaro?

com quantas cabeças de pássaro  
se faz um pássaro?

com quantas cabeças de pássaro  
se faz um pássaro?

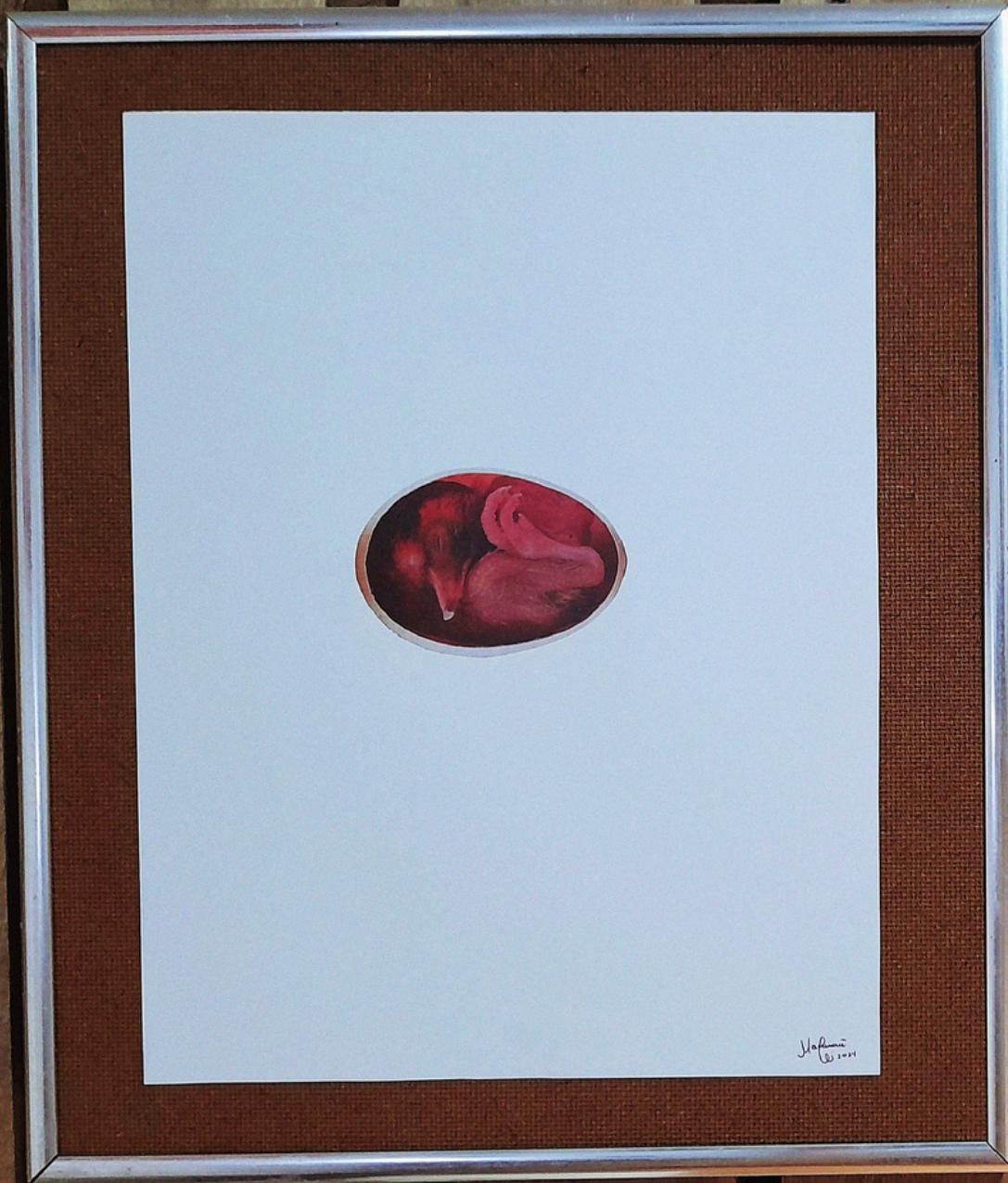
com quantas cabeças de pássaro  
se faz um pássaro?

com quantas cabeças de pássaro  
se faz um pássaro?

com quantas cabeças de pássaro  
se faz um pássaro?

com quantas cabeças de pássaro  
se faz um pássaro?

com quantas cabeças de pássaro  
se faz um pássaro?



Revista Escrito & Descrito, Nº 1, V. 1. Transubstanciação da Paisagem Poética. Março de 2025

Fotografia: Mathenovê, 2024.

Autor: José



Fotografia: Mathenovê, 2024.

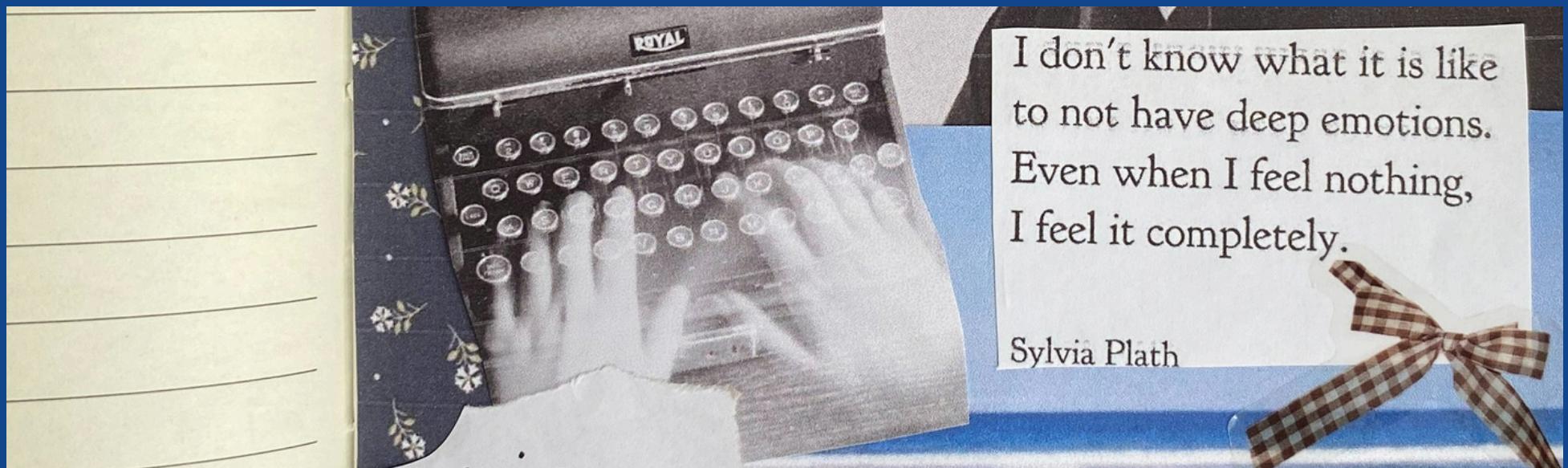
*Que o céu caia sobre mim.*



Fotografia: Mathenovê, 2025.

# Entrevista com Ofélia Frantumare na Revista Escrito & Descrito

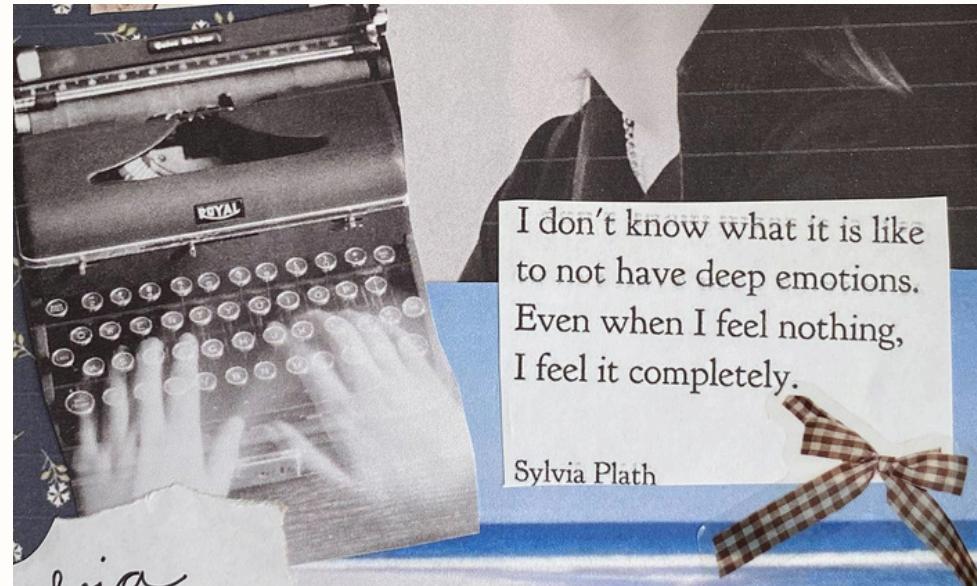
---



# Entrevista com Ofélia Frantumare (pseudônimo)

**Mathenovê:** Quem é Ofélia Frantumare?

**Ofélia:** Ela representa todas as minhas perguntas. Ofélia é uma pergunta por si só, a pergunto muitas coisas através de seu corpo e ela transmite o intransmissível de mim, ela é um grande pedaço que se sobressaiu de meu corpo quando me desmembrei, fazendo uma ode a todas as mulheres que minha esfera corpórea habitou. O seu nome vem de Shakspeare, da tragédia "Hamlet", ali Ofélia foi um corpo de uma personagem feminina que foi atravessada e moldada fatalmente por narrativas que a corromperam, narrativas masculinas, não suas. Tenho em mim muitas tragédias, histórias e romances que se traduzem por minha Ofélia, ela se comunica com meus pedaços e capta pela memória o que restou do tempo, se diz por uma palavra única e quebrada. Seu sobrenome, "Frantumare" vem do italiano e significa "esmagar", "quebrar", é um verbo. Desse verbo me faço carne e consigo me comunicar com todos os meus pedaços perdidos, que se ligam a memórias e delas vêm sentidos e verdades que reverberam em mim para além do tempo, sou essencialmente quebrada. Ofélia é quebrada e transita por todos os meus portais, ela é livre para divagar e resgatar o que pulsa em mim pela grafia, me deixa em carne viva, me esmaga com meu próprio sentido para que minha vida tenha um novo significado. Ofélia Frantumare é metonímia, objeto ausente, fantasmagórico, Ofélia não é um personagem, não sou ela, ela é eu.



**Matheus:** Como você percebe o papel do inconsciente no seu processo de escrita?

**Ofélia:** Essa pergunta me toca profundamente. Meu inconsciente é como uma casa antiga que resido nela para sempre, essa casa existe e sempre existirá independente do tempo e de mim, ela tem várias portas, janelas, escadas, buracos, paredes mofadas, objetos espalhados e velhos, restos mortais, quartos vazios, quartos trancados. Ela é uma casa plástica que a qualquer momento outra porta abre. Sonho muito com elementos de casa, porta, corredores, não sei exatamente por quê e nem como uso essa metáfora de casa para falar do meu inconsciente. Ele é nostálgico, estupefato, visceral, grafia própria. Eu transito como uma alma por dentro da casa e por entre paredes das paredes. Nunca sairei dessa casa.

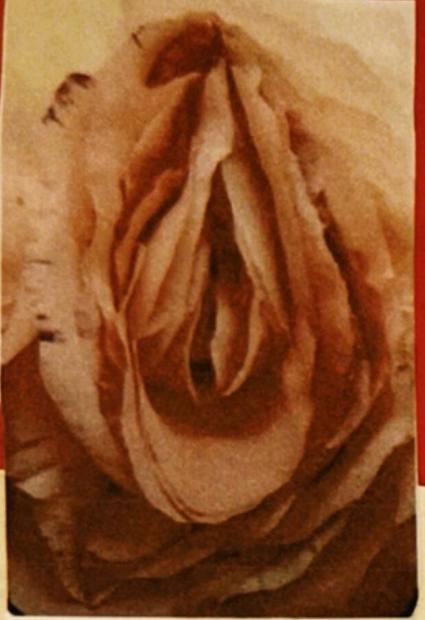


**Matheus:** Quais os temas que predominam na sua escrita?

**Ofélia:** Gosto de escrever o que vem do meu íntimo visceral, conseguir pela sensibilidade, ultrapassar as minhas margens, uma espécie de névoa que há entre o que desejo e a palavra que o nomeia. Para desejar em vida é necessário se descamar, escrever é perigoso, sempre nos enunciamos uma verdade proibida, verdade que formulada em sílabas, viram uma pedra atirada num espelho. Daí, há um reflexo no vidro do espelho de um rosto, um corpo inteiro se quebra, tem-se frangalhos no chão, outros se perdem, jamais são encontrados, os cacos de vidro que com suas estruturas pontiagudas, tortas, formam um mosaico imperfeito, quebrado e faltoso da figura de um corpo, esse corpo de imagem desfigurada é o corpo real, ausente e irreconhecível, é tudo que atravessa a essência invisível, tão fugidia e paradoxalmente presente desse reflexo que falo. A diferença que não sou o reflexo, sou uma substância que liga cada caco de vidro entre si, que tenta captar a ligação incoesa deles, captar em palavra o som, o momento do rompimento, a memória de um pulsar feminino, uma repetição, um sentimento que se transcende colossalmente por nostalgias, falo sobre uma divagação em que preciso passar por terrenos jamais pisados de meu ser, me dizer coisas jamais escritas que se referem ao desejo, ausências, dor, melancolia e o que tece um corpo feminino e o que se faz dele, escrevo numa tentativa de me salvar e dar outro sentido para minha vida, em prol de resgatar e recuperar o irrecuperável de mim. É uma tragédia bonita falada a partir de um lugar ausente, acho que me revelo nesse lugar.



Arte por Ofélia Frantumare (2024)



*sangria de  
eroy*



Arte por Ofélia Frantumare (2024)



**Matheus:** Quais são suas influências literárias e artísticas?

**Ofélia:** Muito de mim hoje e do que começo a expressar, vem de uma identificação que acontece de dentro para fora e como fios que me enovelam às palavras de outras figuras femininas que usam meios próprios com sua arte, como um reflexo do que pulsam em seu próprio vir a ser feminino, gosto de artistas mulheres que conseguem tecer algo abstrato e único à todas mulher, de seu próprio modo, elas falam um código secreto que somente um ouvido feminino escuta, um *falasser* que evoca muitos dizeres. **Em literatura, Clarice Lispector, Annie Ernaux, Hélène Cixous, Elena Ferrante, Virginia Woolf e Sylvia Plath** revelam seu feminino de um modo em que cada uma delas diz um ponto de atravessamento íntimo ao gênero da mulher, como o desejo, metamorfose, passagem do tempo, devastações psíquicas, morte e falta de sentido. Para além da escrita, minha arte se faz também de outras mulheres, fotografias e filmes que refletem o onírico, um quê envelhecido, juvenil, místico e sortilégico também me encantam, me trazem uma liberdade da qual eu me regozijo para percorrer as minhas margens obscuras e navegar no mundo de minhas palavras, para captar um êxtase do instante, sou a sobra do objeto, sempre quero alcançar essa substância que me constitui e que tanto me guia no que desejo e no que faço em vida. Gosto de diretoras que conseguem alcançar isso como **Àgnes Varda, Sofia Copolla e o diretor francês vanguardista, Luc Godard**, eles conseguem com sua sensibilidade, sua visão de mundo, uma produção independente, alcançar um vórtex, um centro do *falasser* que foge de ideais opressores e de produções capitalistas.

**Matheus:** Por que escrever? Por que as colagens?

**Ofélia:** Escrevo numa tentativa de resgatar tudo o que de intensamente uma outra, outras, Outras, versões de mim pulsaram e pulsam. Ver em mim a passagem do tempo, até de entender meus próprios porquês. Escrevo por coragem e por recordação, para não me esquecer. Tenho diários antigos desde meus 12 anos, eu sempre fui sensível e eletrizada por meus próprios pensamentos, escrevia em segredo, mas eram segredos tão secretos que não me contei e até hoje alguns não me contei, como um pacto sagrado, mas esses segredos verdadeiros perpetuam em mim até hoje mesmo sem dizê-los e eles são quem eu sou. Se escrevo por esse corpo, é porque sou o que sou, porque lembrei-me dela. O tempo apaga vozes, letras, o que fica é sempre a marca da grafia do lápis no papel e nunca se dá nem para saber o que se passou na minha mente, na de quem escreveu e me bate uma melancolia, um arrependimento. E é o que eu vejo nos meus diários antigos ou de diários que nem sequer existiriam, queria entender porque não escrevi um pedaço de minha história, somos sempre uma história feia, maldita e mal vivida, preciso escrever para me rasgar com minha própria verdade. Escrevo em diários para me ver sendo, e me apagando de uma falsa escrita e pensamento ao longo do tempo, para que depois eu leia um pedaço vivo de memória que se eternizou. Me contradigo sempre, quero escrever, mas não quero. Não quero algo que me barre ou que o externo me furte. Minha escrita continua sendo secreta, mas um segredo que não me tocam, me furtam ou julgam.

É um segredo de minha esfera e somente meu, sempre existe um ocultamento entre letras no que diz ao que estou fazendo de mim, com minha vida e meu desejo, é um apagamento para o mundo e uma descoberta do que está por dentro de mim. Não quero falar de mim para ninguém. E quanto as colagens, transfiguro em imagens, cortes e pedaços de cores do papel o efeito de meus sentimentos, formação de conceitos e ideias sobre algo de mim, de versões anteriores, como amor, sexualidade, desejo e de impressões que ficam em mim quando leio ou consumo a arte de quem me interessa. É uma construção subliminar que me leva a escolher e montar cada corte e imagem, todas elas ficam guardadas em meus diários.

**Matheus:** Ofélia, recomenda para os leitores da revista escrito 03 livros importantes para você.

**Ofélia:** Todos esses livros têm marcas mais profundas que tatuagem dentro da minha alma. Gosto de ler livros em que cada palavra me atravesse como corte de um punhal pontiagudo no coração.  
1 – “Um sopro de vida”. – Clarice Lispector  
2- “Tetralogia: A amiga Genial”. – Elena Ferrante  
3- “O anatomista”. – Frederic Andahazi

**De bônus:** “La Frantumaglia” – Elena ferrante  
“Os anos”. – Annie Ernaux

leia a entrevista completa no nosso Medium:  
<https://medium.com/@revistaescritodescrito>



Fotografia: Adaptado de Amélia, 2024.

p r i m e i r o a t o  
t r a n s u b s t a n c i a ç ã o  
*artes visuais*

f o t o g r a f i a

Corações de iris  
cravados na minha  
caixa toráxica

Fotografia: Brisa Lima

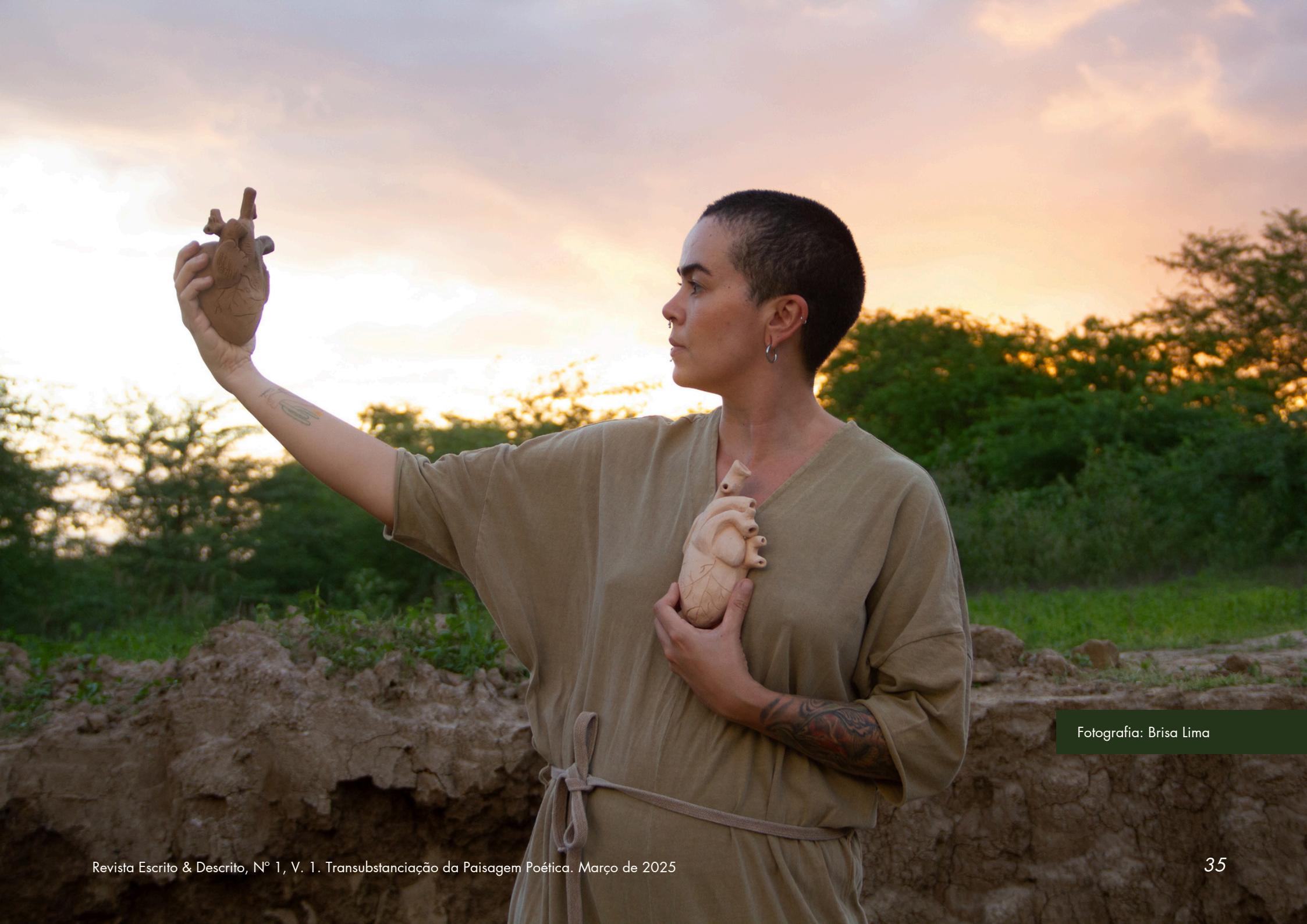
Os corações são  
uma bússola  
cravada em nossa  
caixa torácica.



Fotografia: Brisa Lima



Nunca estão parados, senão pendurados na parede de casa. O coração é uma espécie em extinção. Desvela uma a uma de nossas endemias sentimentais, portanto nunca senta-se confortavelmente em um lugar seguro. Sai em busca do mar de dentro. Suas tonalidades afetivas dilatam todo o nosso abastecimento do outro. E então, caímos sozinhos com um coração na mão. Nunca é fácil pertencer a um coração de iris. Cada coração reza uma prece para quem dele se encanta, sendo assim cada coração é uma oração ao tempo. Sua estrutura encara o desafio do erro e da tragédia. "Tudo em seu tempo foi vivido, logo já está consumado." Não importa a duração, a divisão ou a identidade do que foi amado, os corações de iris é um pedaço da casa de cada um dentro do amor maior. Um olhar por dentro do olhar. Um desejo de encontro de si para o outro, e para o mundo. No aqui e agora, os corações passeiam nos mundos cá de dentro de mim.



Fotografia: Brisa Lima

Meus corações são pedacinhos  
de mim, do meu eu e de você.



# Iris Marcolino

@coracoesdeiris

Artesã do Alto do Moura em Caruaru-PE. Conhecida por fazer belos corações de barro.



Fotografia: José

# José

@jorgeeee\_almeida

*É estudante, professor, aprendiz, amigo, irmão, filho, ouvinte, orientador, avaliador, pesquisador, leitor entre outras atribuições. Atualmente faz mestrado em Química com foco em produtos naturais, mas tem interesse de pesquisa na formação docente, em radiação ionizante, e na pesquisar por inseticidas naturais.*



Reatar – 2024 fotoperformance por Thalyta Monteiro



# Thalyta Monteiro

@ythamonteiro

*Artista visual e arte educadora, nasci em 1995 na cidade de Belo Jardim, agreste de Pernambuco, onde atualmente resido. Técnica em Artes Visuais pelo IFPE- Instituto Federal de Pernambuco (2018). Caminho por linguagens diversas, como Pintura, instalações e fotoperformance, experimentando formas figurativas, abstratas e orgânicas, em minhas criações.*

Fotografia: Mateus Ruas



Fotografia: Mateus Ruas



Fotografia: Mateus Ruas

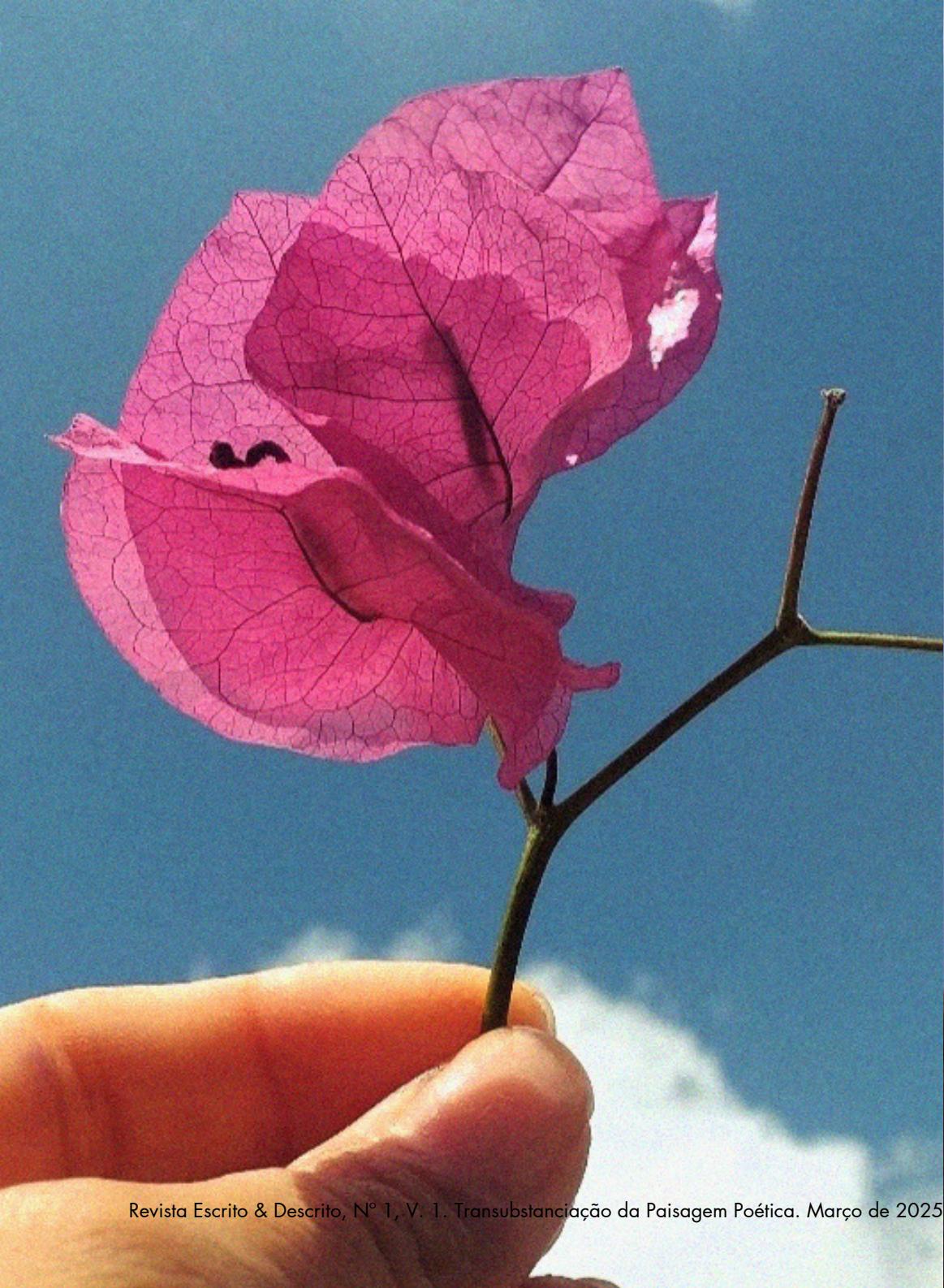




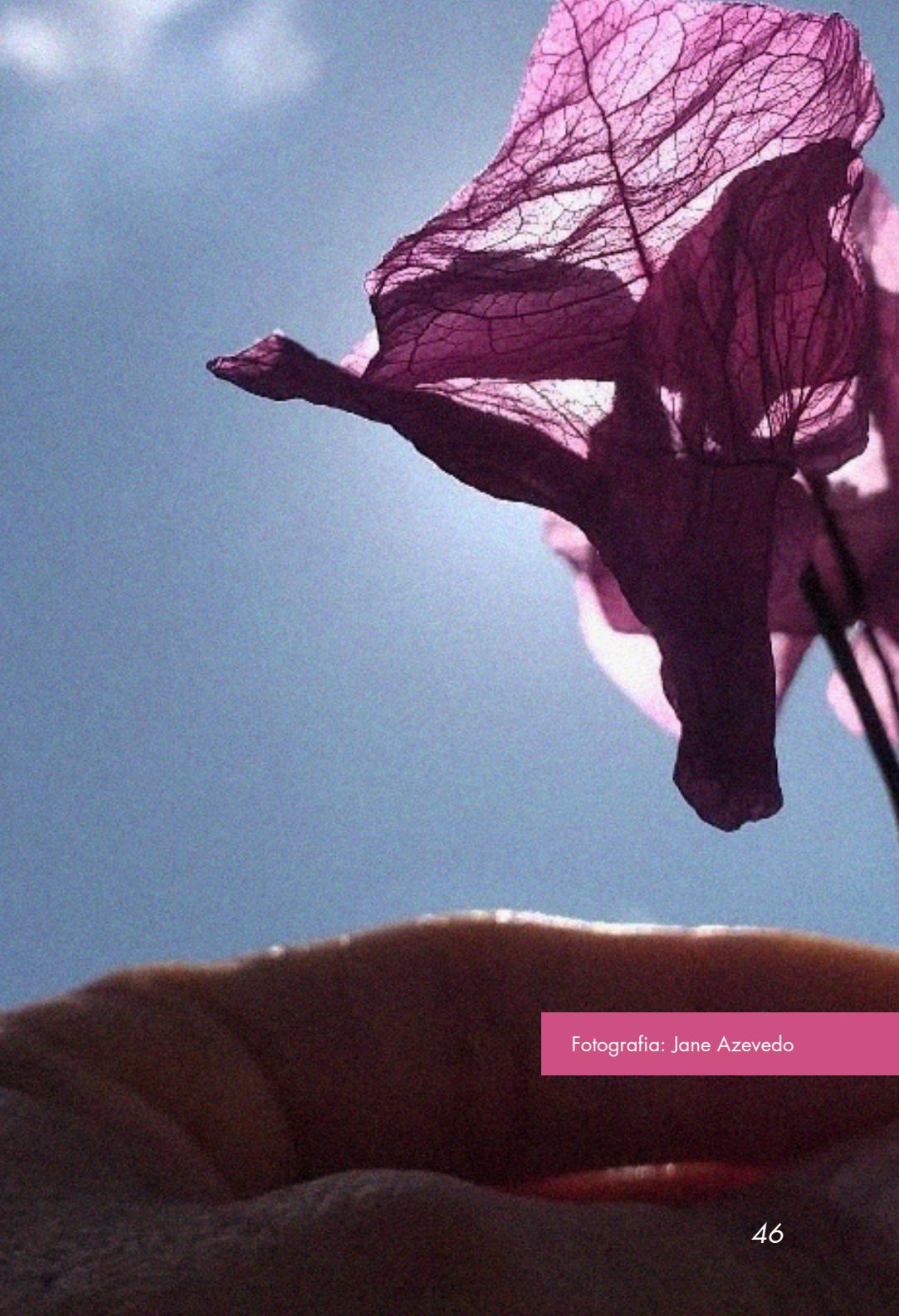
# Mateus Ruas

@matsmelo

*Nasceu no Brasil em 1995, vive em Portugal desde de 2004. Sempre um grande amante da literatura, especialmente da poesia. Aspirante a fotógrafo desde pequeno, com especial paixão pela fotografia analógica. Tem como inspiração os seus três gatos.*



Revista Escrito & Descrito, N° 1, V. 1. Transubstanciação da Paisagem Poética. Março de 2025



Fotografia: Jane Azevedo



## Jane Azevedo

@jane\_azevedoo

Já foi vendedora e artesã. Jane mora em Caruaru-PE e tem uma relação bem carinhosa com a arte, gosta de tirar fotos da natureza e é uma admiradora da arte e da cultura de Caruaru. Jane é mãe do artista Mathenovê.



Fotografia: Elidiomar Ribeiro

### Morte e Vida Severina

A natureza ensina que alguns devem morrer para outros sobreviverem. A civilização deveria mostrar que nenhum de nós, humanos, precisa morrer em benefício de outro.



Fotografia: Elidiomar Ribeiro

### **Texturas urbanas**

Na paisagem da cidade o tempo deixa marcas de sua passagem. Marcas carcomidas, erodidas, corroídas. A beleza e a poética são acessíveis apenas aos que veem de fora. De dentro, às vezes, quem manda é a dor.



# Elidiomar Ribeiro

@elidiomar.ribeiro

*Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo, mestre e doutor pela UFRJ. Professor e pesquisador da UNIRIO, desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, editor-adjunto da revista A Bruxa, editor do zine Homem-Leoa, colunista do portal Fauna News e integrante do podcast Silvestres.*

c o | a g e n s



colagem por Rafael Vaz



colagens por Rafael Vaz



## Rafael Vaz

@m.aria.demaria

*Rafael Vaz (Altamira, 1992), é formado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás e reside em Goiânia há 15 anos, começou recitando poesias nos Sarau da cidade de Goiânia para logo após transformá-las em lambe-lambes pelos muros, através do vulgo ASMA - A Sociedade do Maior Abandonado. Na rua passei a registrar o que via, ouvia e sentia, e no meu trabalho passei a transformar escutas e vivências em poemas.*



O tempo não acaba

boca comprimida de manhã n

o cara só tinha tempo para

passei sete dias

dar notícias

de minha mãe."

Depois de vários cafés da manhã n

Kombi do Pão de Po-

memória

## o CORPO

O casal que abrigou o projeto social li-

ceu William e

cardo descobri

atris da Kom

Você tem que

lembra. O con-

toc sem usar dr

o ap

desaparece primeiro

colagem por Mariana De Maria

a transitoriedade

das coisas



## Mariana De Maria

@m.aria.demaria

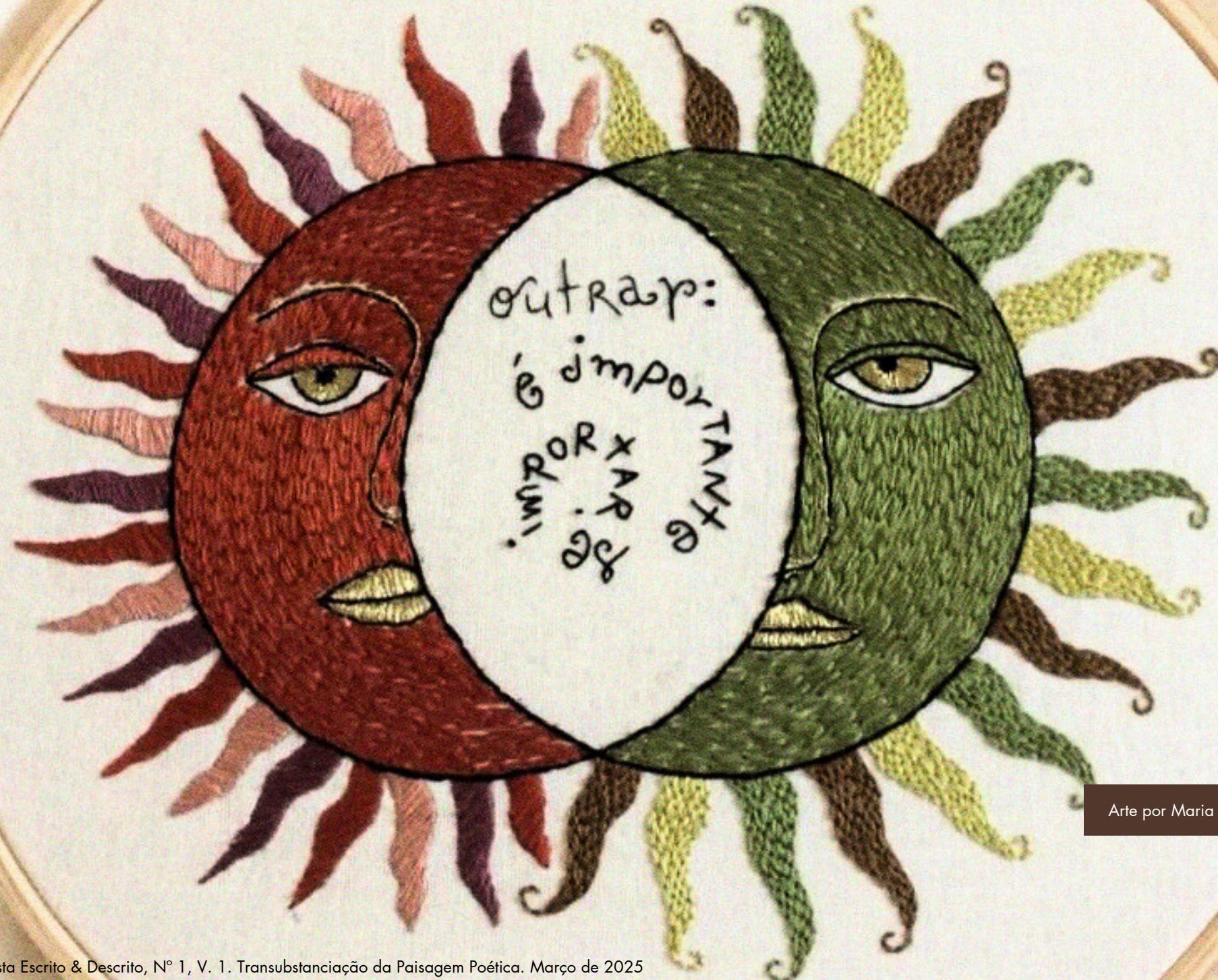
*Mariana De Maria é Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e atualmente trabalha com formação continuada de professores na rede pública estadual de São Paulo. As reflexões em torno da História e da Literatura influenciam diretamente sua produção de colagens e poesias em um diálogo constante entre tempo, memória, nostalgia, esquecimento, acontecimento, restos e ruínas.*



b o r d a d o  
d e s e n h o  
e  
p i n t u r a



Artes por Maria das Nuvens



Arte por Maria das Nuvens



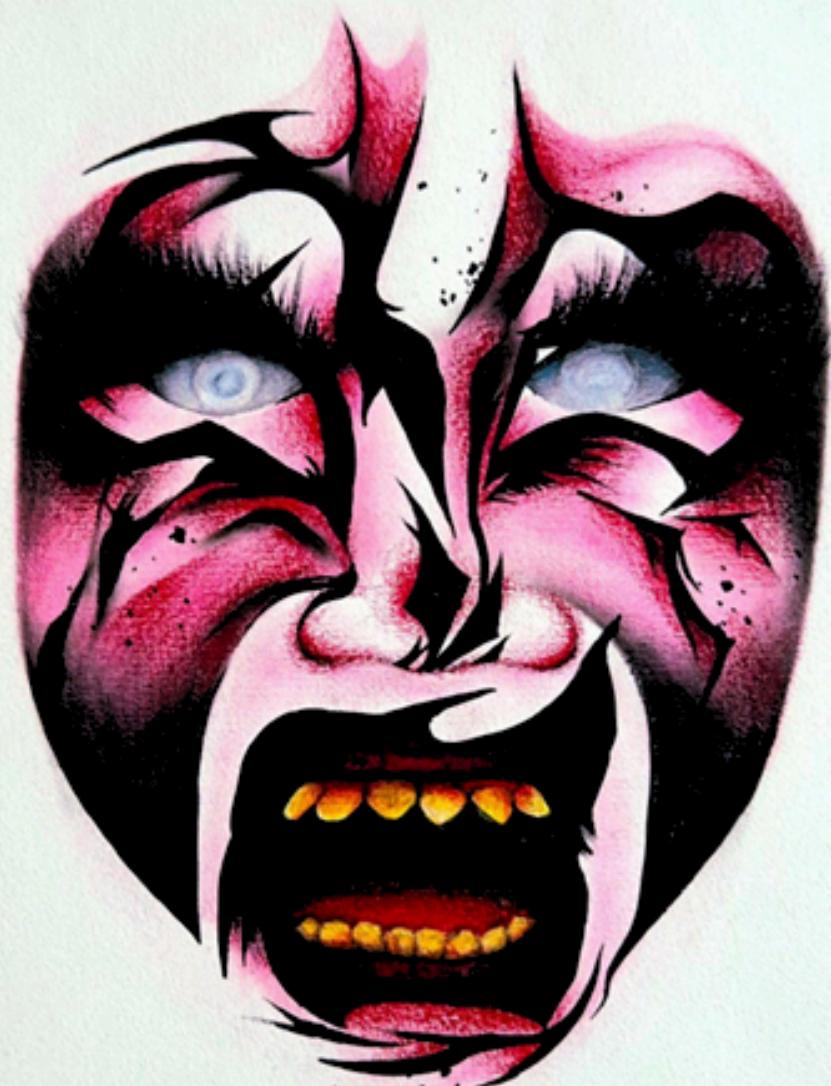
## Maria das Nuvens

@maria.dasnuvens

*Maria das Nuvens é artista têxtil e visual, figurinista, atriz e produtora cultural de Bezerros, PE. Se destacou em projetos como Mulheres de Argila e no teatro e cinema do Agreste. Atualmente cursa licenciatura em Artes Visuais na UFRPE e Design de Moda na Unifavip. Usa fios e tecidos como matéria principal para criar peças autorais através do fazer manual e amoroso. Em 2025 inaugura o Ateliê das Nuvens, um espaço Criativo que contará com eventos abertos ao público.*



Lorena Falcão.  
Dahli, 2023  
Técnica mista  
21 X 30 cm



Lorena Falcão.  
Hosso Terratoma, 2023  
Técnica mista  
21 X 30 cm



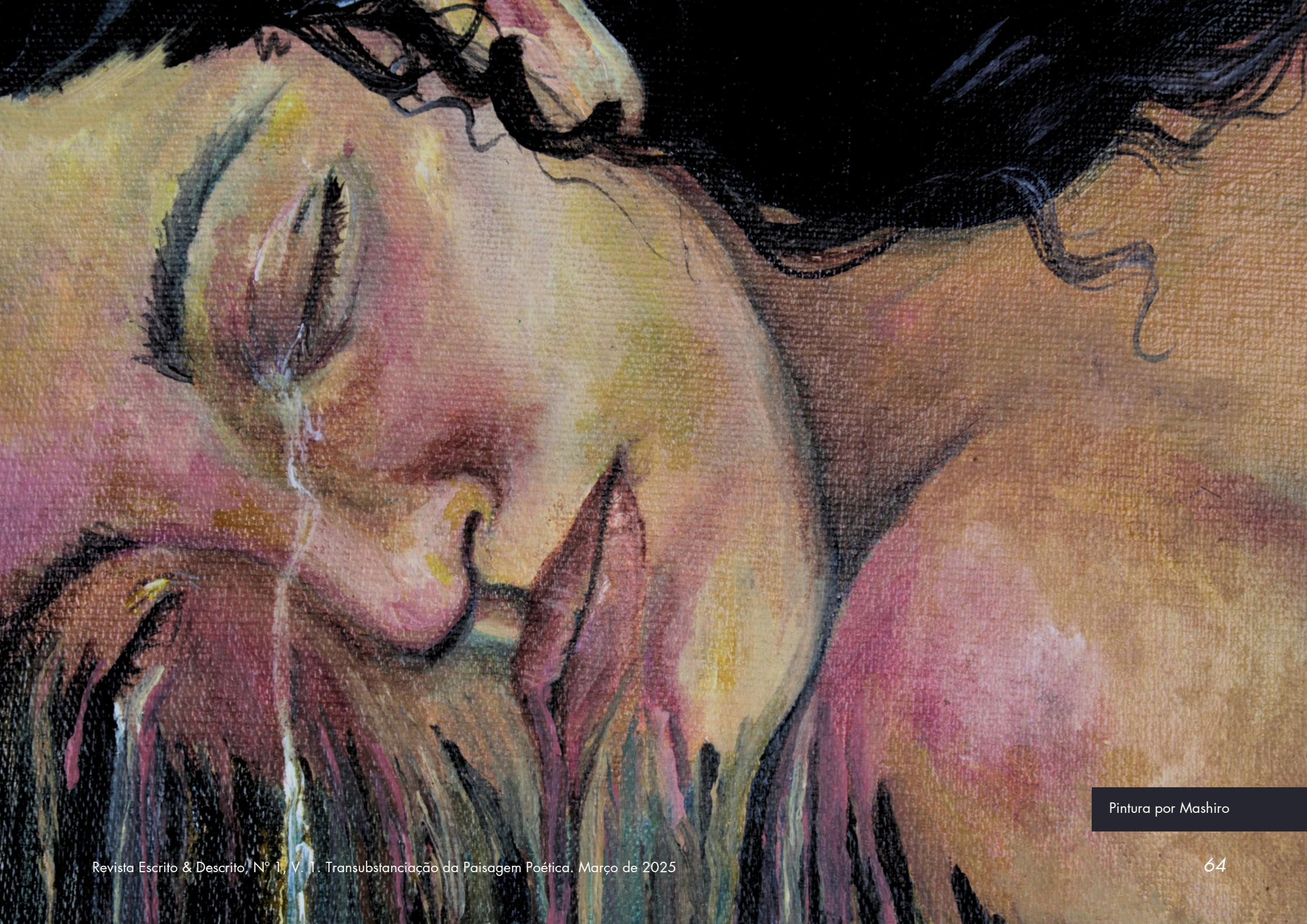
Lorena Falcão.  
Abhora, 2023  
Técnica mista  
21 X 30 cm



## Lorena Falcão

@lorenafalcaob

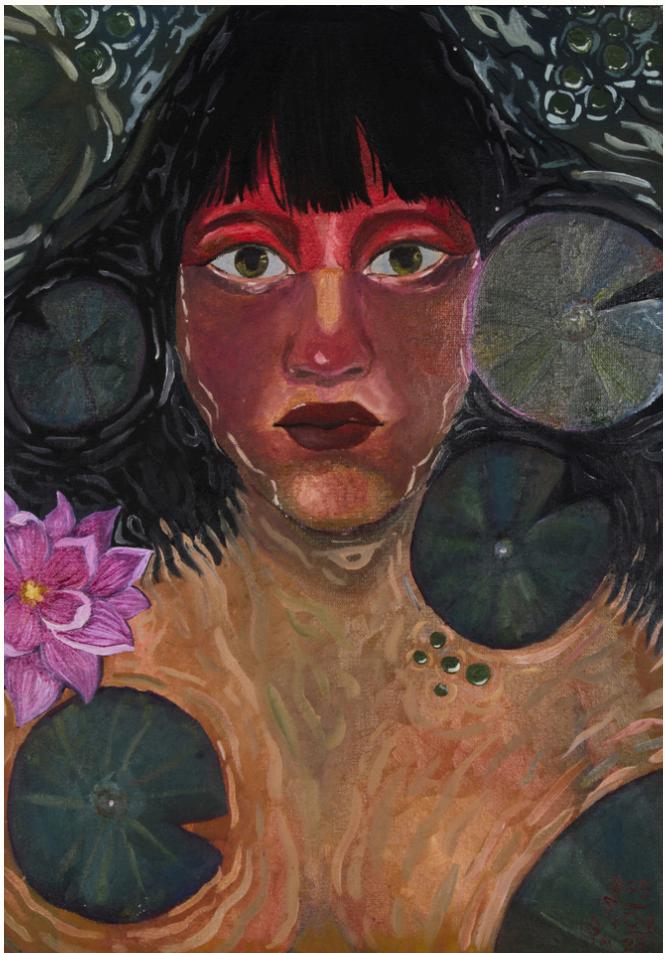
*Lorena Falcão é uma artista visual e designer trans com deficiência nascida em 2002 e residente do Recife. Está cursando a graduação em Artes Visuais - Bacharelado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Campus Recife. Já participou de duas exposições coletivas em instituições públicas (SESC-PE e IAC Benfica) e recebeu menção honrosa em salão de arte reciclada (FENEARTE). Pesquisa desde 2022 sobre pessoas com deficiência e acessibilidade em espaços artísticos.*



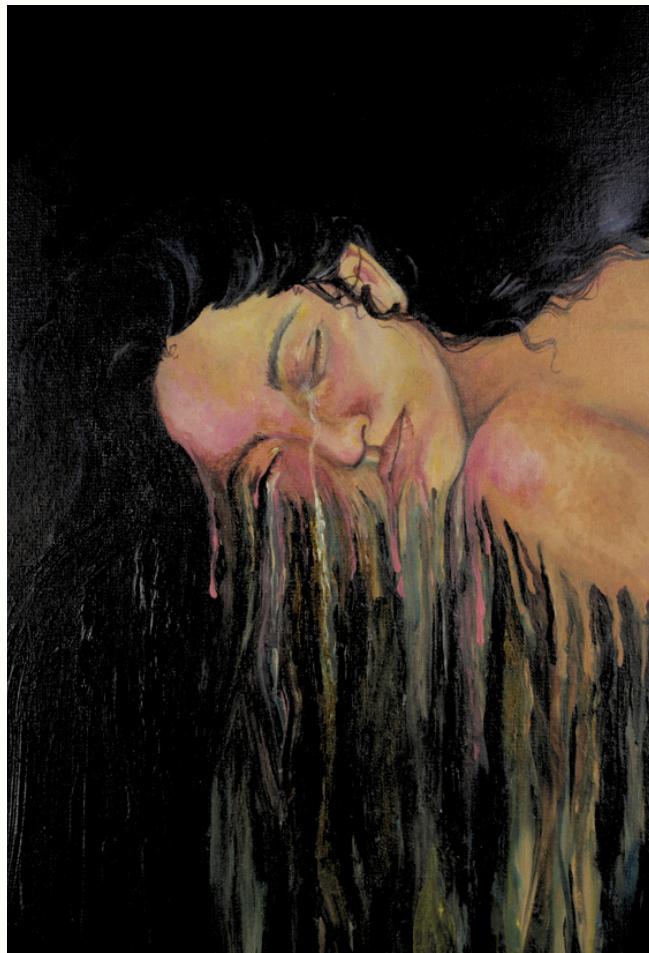
Pintura por Mashiro



Pintura por Mashiro



Vitória-Regia, 2023 Série: Lendas Amazônicas Técnica  
óleo sobre tela Dimensões: 35x 25 cm



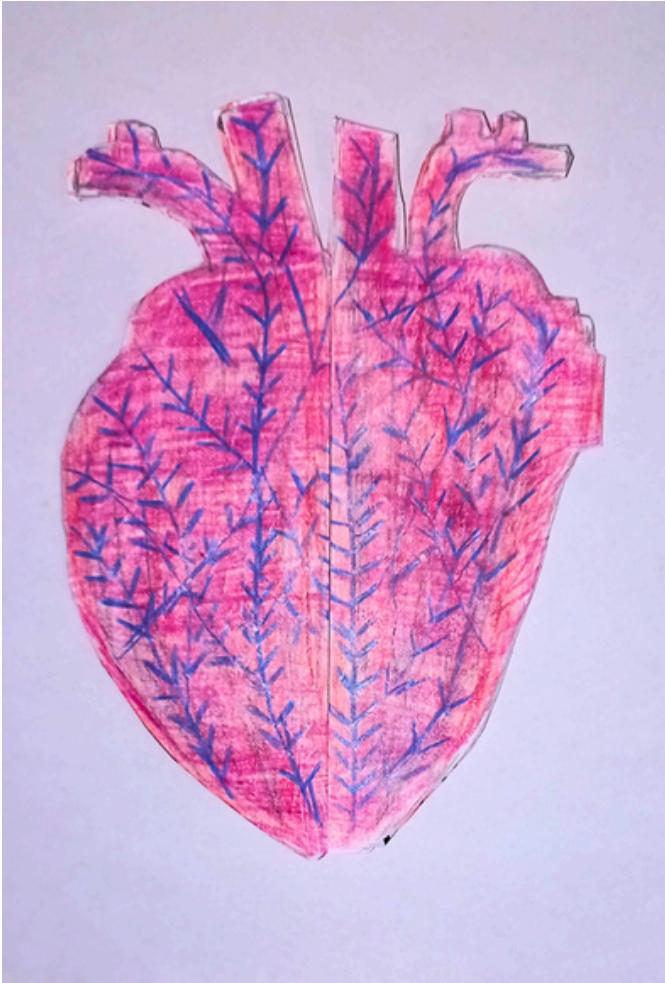
Consumida pela angústia, 2023 Série: Sofrimento  
Existencial Técnica: Acrílico sobre tela Dimensões: 50 x  
30 cm



# Mashiro

@linisilvaart

*Nascida em Belém do Pará, 1997, Mashiro (Aline S.F.), desde pequena é fascinada pela área das Artes e da Filosofia. Se formou em Filosofia e especializou em Música, atualmente Cursa Artes Visuais na Belas Artes de São Paulo. Sua jornada artística teve início em 2016 como autodidata através de diversas técnicas: aquarela, grafite, acrílico, óleo e escultura.*



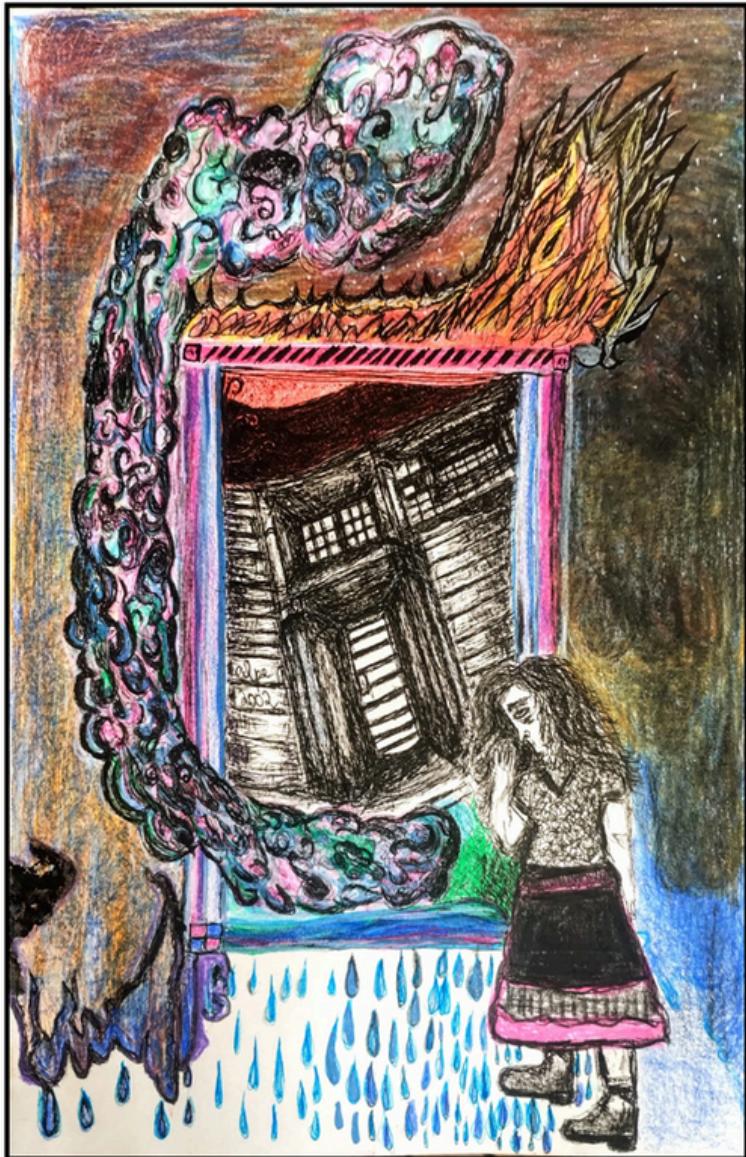
Artes visuais por Inácio



# João Inácio

@inacio.dc

*Meu nome é Inácio de Carvalho, tenho 20 anos, sou natural do Agreste meridional. Estudo comunicação social na UFPE. Sou ENFP, temperamento melancólico, sou muito fã de arte visuais, fotografia, cinema, música e literatura.*



12 de junho - Histerica (2024). Desenho em papel color plus, 90g, A4. Lápis de cor.

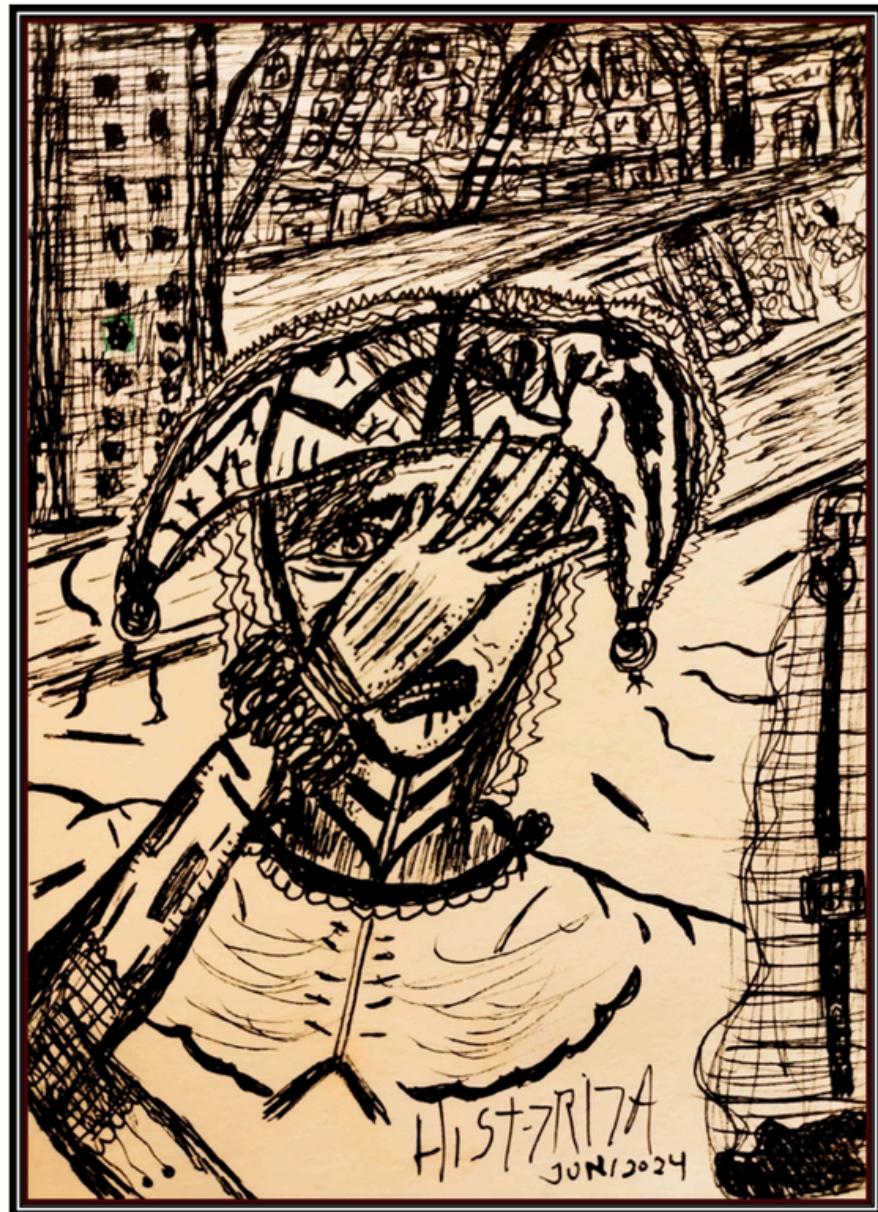
Entre a decisão de partir, e o momento do embarque....

(12 de junho de 2024) - Histérica

Elá esperava uma notícia certeira,  
assertiva. Definitiva.  
Não aquele telefonema, ridiculamente e  
miseravelmente, fantasiado de esperança.

A moto chegou.  
Michel me respondeu rapidamente,  
enquanto minhas pernas se contorciam desmoronar.  
Sim, seuirmão morreu.

Arte e texto de autoria de Histérica



Chegou a Hora - Histerica  
Desenho em Nanquim, tamanho A6.

Que estranho  
Tudo berrantemente  
Rosa bebê  
Muito, azul, anil  
Verde, vômito

Pedi o vinho mais bebido  
Escarlete.  
No chão, de novo,  
de pronto.

Era verde a garrafa,  
nem verde musgo,  
nem verde piscina,  
nem verde bandeira  
Era somente. Verde.

A única cor preta era minha veste  
O universo estava em tremenda paz  
Exceto, talvez, por meus perenes rugidos.

Arte e texto de autoria de Histerica

Navalha - Histérica (2024)  
Desenho em Namquim colorida,  
papel Color Plus 90g.

### NEURALGIA

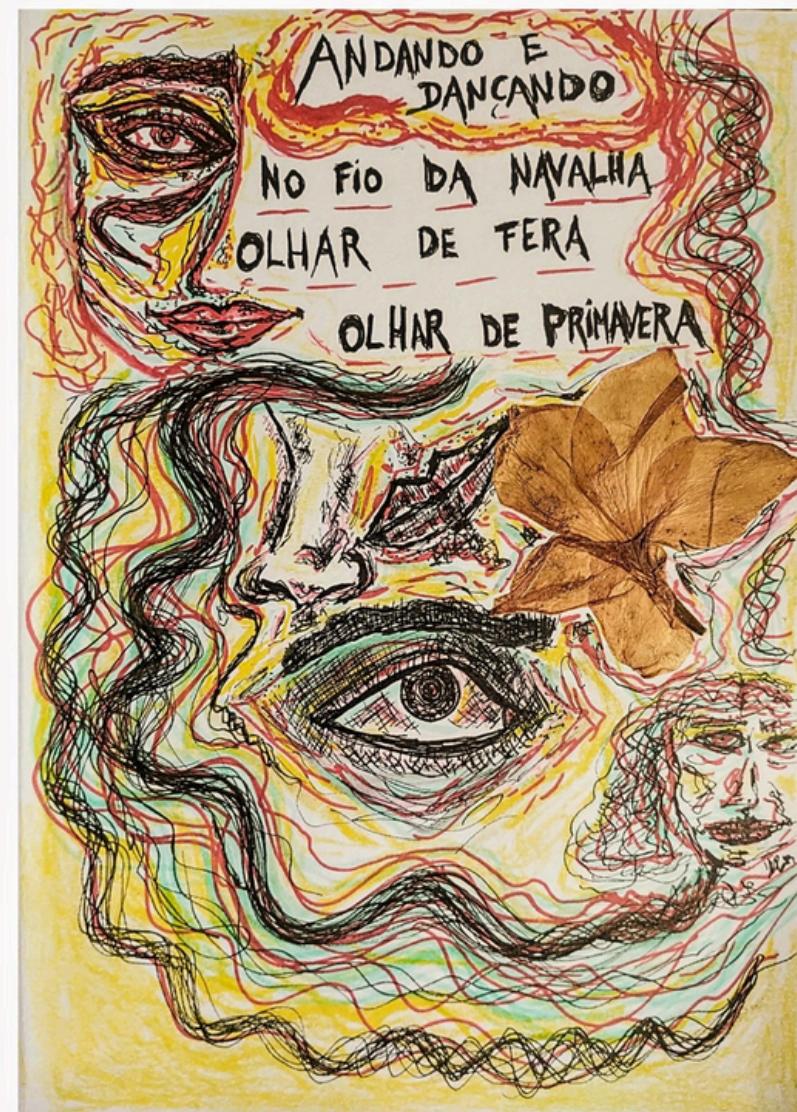
Dizem que é a pior dor do mundo.

Que agonia,  
tanta dor  
e tanta paz  
Eu sei, era. Amor.  
Você foi embora.

MAS,  
Você prometeu,  
disse que voltava na quarta-feira...

Você prometeu...

Arte e texto de autoria de Histérica





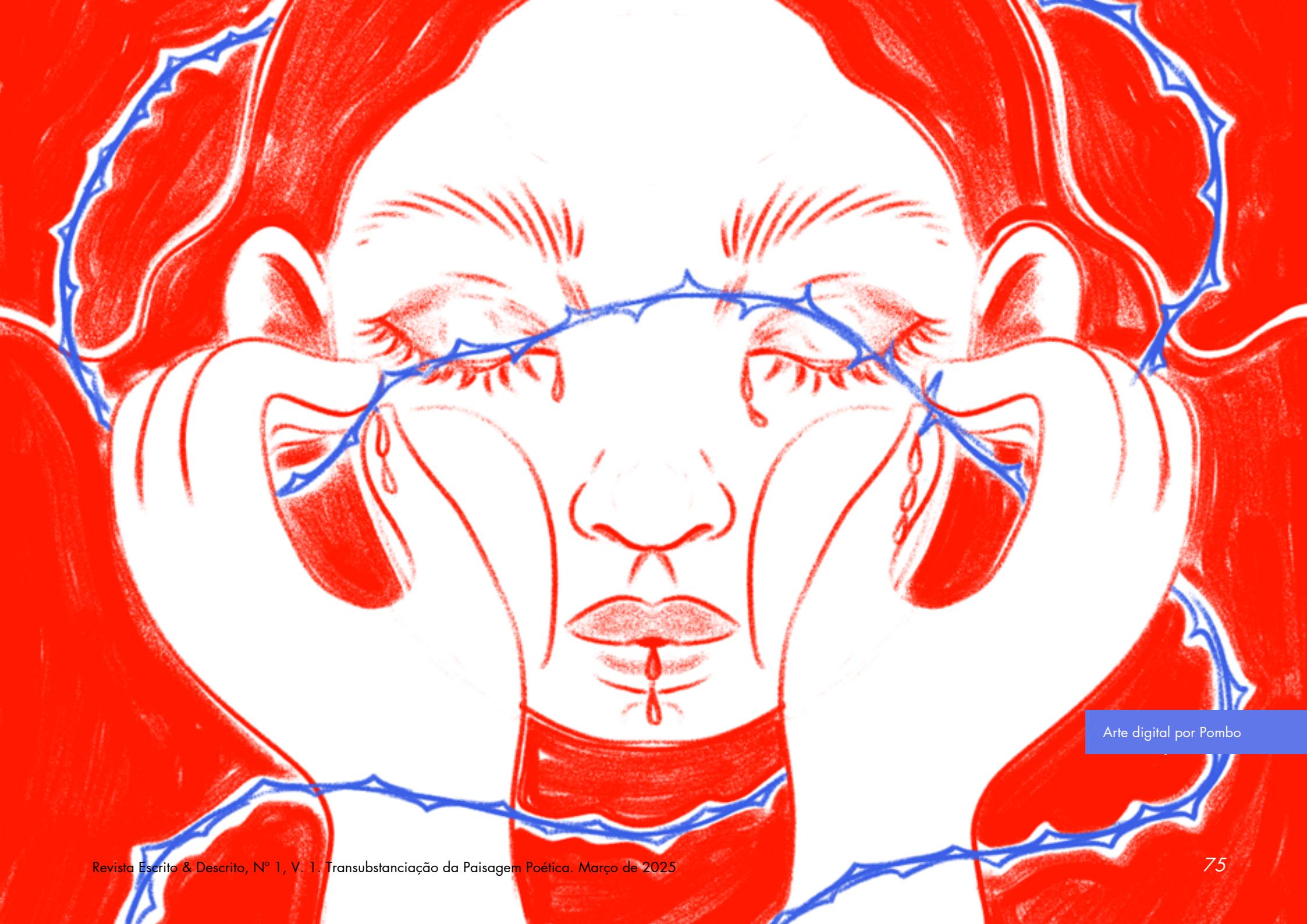
# Histérica

@criacoeshistericas / @xilotrash

*Sou Histérica, socióloga de formação, professora e criadora da marca de encadernação artesanal: Criações Histéricas (2020) e do projeto Xilotrash (2024), com foco em ilustrações autorais e colagens manuais. Nasci em recife, mas moro em Caruaru-PE. A dor, a morte, o desejo e o amor são fundamentais em tudo que eu faço enquanto expressão. Os entrelugares, os intermédios e a sede de mudança, também me acompanham.*

d e s e n h o  
d i g i t a l





Arte digital por Pombo

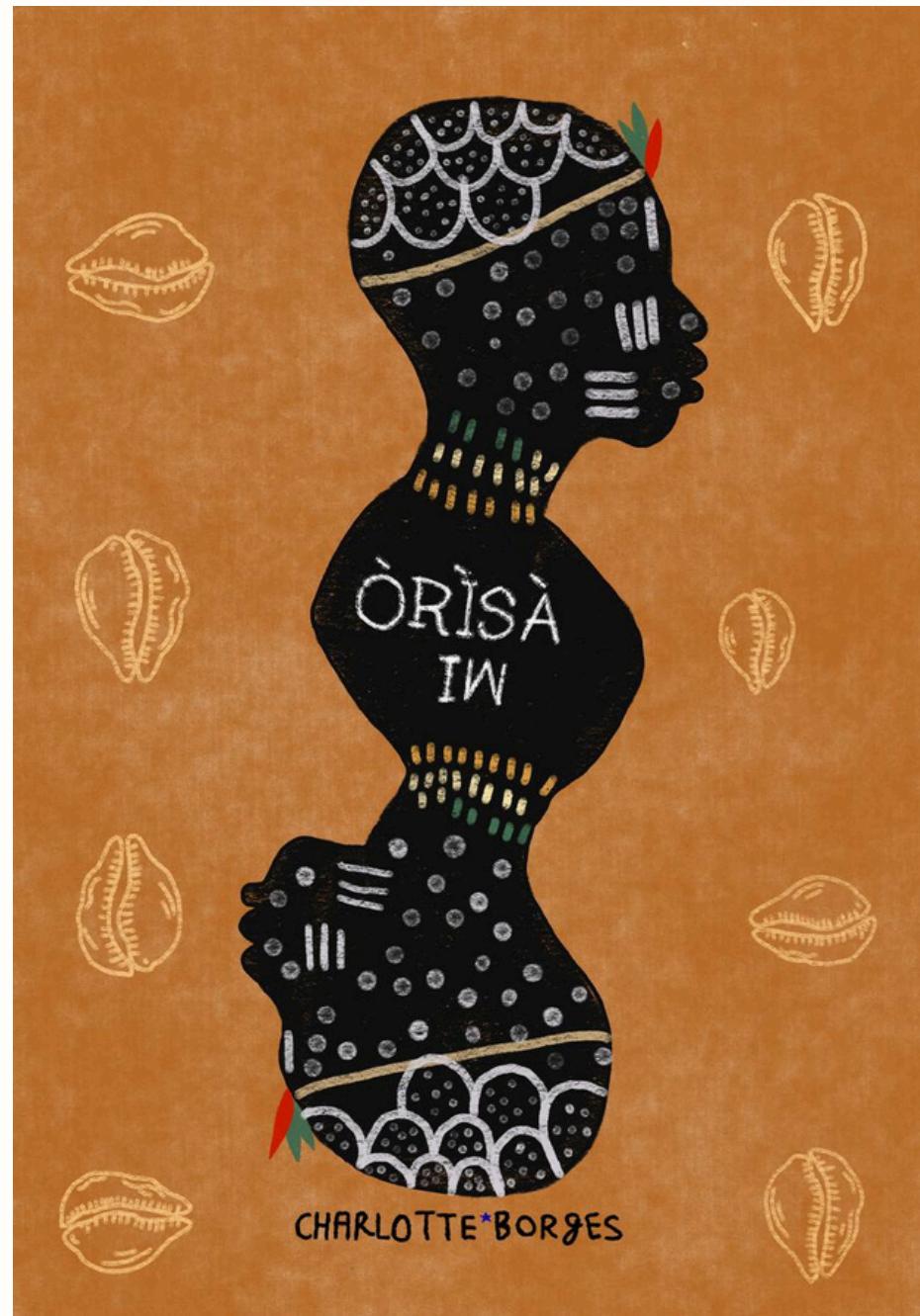


# Pombo

@oipombo

*Pombo é uma ilustradora e designer do Agreste pernambucano, desenvolve ilustrações e projetos gráficos para iniciativas culturais, é co-fundadora da Oficina Embuá (2020) e da Jardim Colab (2022).*

*Seus projetos artísticos tomam inspiração do campo do subjetivo, retratam devaneios internos, seres brincantes e temas como delírio, sonho, tristeza e sinergia com a natureza.*





# Charlotte\*Borges

@charlotteborgesart

*Olá, eu sou Charlotte\*Borges, tenho 29 anos, sou artista visual há 7 anos, de forma profissional. Jornalista pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), e mestrandona em Comunicação programa de pós-graduação da mesma universidade, onde pesquiso sobre fotografia, raça e gênero. Minhas obras possuem narrativas autorais e as características principais dos meus trabalhos são cores vibrantes com foco na temática afro-brasileira e ancestral.*

s e g u n d o      a t o  
a p a i s a g e m      p o é t i c a  
poemas curtos

## O ar.

Ubertam Santos

Continue respirando, eu estarei aqui.

*Ubertam Santos é um escritor natural do Rio Grande do Sul, nascido em 6 de Janeiro de 1987; autor do livro "Rabiscos poéticos", lançado em 2019 e participante de outras nove coletâneas. Em seu pensamento acredita que escrever é a maior liberdade que alguém pode ter.*

## Cobogós

Igor dos Santos Mota

algo abre as seteiras  
pra dar passagem  
ao sol que beira  
os cobogós

vasta a vida  
inunda o vazio  
acende o brio  
vaza a luz

fogem das cobertas  
o frio o cabra os diabos  
correm sem rumo espantados

fechando o livro  
fivelando o estribo  
fugindo de si  
fugindo da cruz

Igor dos Santos Mota [2000, Povoado de Bela Vista, Cansanção-BA] é professor, poeta, tradutor e doutorando em Artes, Humanidades e Educação, na Universidade de Derby. É autor dos livros *Gravar o Instinto* (com Danielle Tosta), *Meu pescoço cansado de seguir teu rastro* e *Se essa rua fosse minha*.

## **Miopia**

Paulo Brás

Perco-me no abstrato  
das belezas implícitas  
da paisagem que me cerca.  
uns me dizem que é a miopia  
obstruindo-me os olhos  
eu prefiro lhes dizer  
que isso é a poesia  
atravessando-me todo.

*Paulo Brás é cantor, compositor, poeta, autor e graduando em Letras Português na UECE. Autor de Filhos da Vida e Outros Poemas (2021).*

*Multiartista, arquiteta, poeta e designer. Vive em Porto Alegre/RS. Transita pelas artes visuais, literatura, artes cênicas e música. Realizou 77 exposições individuais, 55 shows musicais no Brasil e exterior, publicou 70 livros, destes 20 individuais de poesia. Recebeu 17 prêmios. Desenvolve suas produções culturais e editoriais através da TERRITÓRIO DAS ARTES.*

## **DESCOBERTO ÚNICA**

Liana Timm Liana Timm

desejos nunca tive data  
são pleno paraíso meu começo se deu nas dúvidas  
de segredos inconfessos jamais esclarecidas  
da renúncia ao assim meu renascer  
constrangimento é um filme de suspense  
cuidar de si com truques bem feitos  
é um estado erótico incontido e outros desastres

## O verso tatuados em mim

Andreia Santos

Dias arrastados por poemas engavetados

Dias iluminados por poemas ilustrados

O que vês apenas letras?

Perdoo

Enxergo uma paisagem nada neutra

Palavra por palavra que espalhei, mesmo juntando-as

Fitando-as

Flertando-as

São tudo ou nada de mim

Crio quadros quase surreais

Em ideias plásticas ou naturais

*Natural de Caruaru, graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especialista em Literatura e Estudos Culturais (UEPB), mestre e doutora em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Professora universitária. Autora de contos, crônicas em antologias e coletâneas. Autora do livro de contos: "As letras que deixei partir", (Minimalismos, 2024), de poesia: "Da pureza do sensível" (Caminhos Literários, 2025), Que venham as histórias: as palavra eu as tenho, ambos estão no prelo.*

Poetisa, escritora Ana Lins autora de três livros de Poesias, membra da academia de letras AINTE membra da academia de letras imortais São Paulo.

## ***Na janela.*** *Poetisa Lins*

### **Vênus**

*Hidelbrando Albuquerque*

*Oh, mar afrodisíaco  
Que com tuas espumas  
Fecundação de Vênus  
Banha corpus nus  
Sentimentos nus  
Eu e tu  
Luz!*

*Hidelbrando Lino de Albuquerque, formado em Letras e Pedagogia; Especialização em Literatura e Estudos Culturais; mestre e doutorando em Educação Contemporânea. Membro-pesquisador d'O Imaginário. Professor. Quando escrevo, o desejo é que as letras pisem num chão de estrelas, pois prefiro os campos livres de toda tortura e submissão.*

*Por que a vida me castiga?  
O que fiz, me diga!  
Quero ouvir uma cantiga,  
Nos sons de uma música antiga.*

*Quem sabe por que essa dor,  
O que te fiz, pra tanto desamor ?  
Ficarei aqui, dentro de casa,  
Enquanto lá fora chora a menina casada.*

*O mundo é uma vidraça clara,  
Que meu olhar embaça ,  
Quero distância dessa trama,  
De maldade, vaidade e drama.*

*Não sairei do meu abrigo,  
Deixe-me aqui, longe do perigo.  
A vida passa como a chuva fina,  
E eu só observo essa rotina.*

## **Resiliência da Natureza**

José Jorge

*Na dança do vento, folhas a sussurrar,  
Uma planta erguida, firme a lutar.  
Entre pedras e sombras, busca a luz,  
Na dor da jornada, sua força seduz.*

*Desabrocha em cores, flores a brilhar,  
Um hino à vida que insiste em ficar.  
Nos dias de tempestade, quando tudo parece escuro,  
Lembre-se: há beleza mesmo no mais duro.*

*Sei que há momentos em que o peso é demais,  
Mas dentro de você, há um brilho que traz.  
Na fragilidade da vida, um poder imenso,  
A cada queda e dor, renasce seu senso.*

*Quando o mundo parecer pesado e sem cor,  
Olhe para a natureza e sinta seu amor.  
Ela te ensina que é preciso tentar,  
Que mesmo nas sombras, podemos brilhar.*

*Erga-se com coragem, como a flor no chão,  
Que brota da terra com força e paixão.  
E nas lutas da vida, ao fim de cada dia,  
Sorria para o sol: é a luz da sua alegria.*

*José é estudante, professor, aprendiz, amigo, irmão, filho, ouvinte, orientador, avaliador, pesquisador, leitor entre outras atribuições. Atualmente faz mestrado em Química com foco em produtos naturais, mas tem interesse de pesquisa na formação docente, em radiação ionizante, e na pesquisar por inseticidas naturais.*

## **Nascente**

Beatriz Bowles Vilela

pense em um riacho que  
ao se deparar com uma rocha  
se parte em duas correntes.  
cada uma segue seu rumo  
e à medida que avançam  
a água inquieta  
anseia unir-se outra vez.  
quando ambas as correntes se lançam  
num desfiladeiro profundo  
se fundem em um turbilhão  
rompem as fronteiras  
se entrelaçam.  
o aguaceiro se torna um só rio  
uma garganta insolente.  
sou eu, o fluxo que renasce  
e a poesia, a outra vertente.

## **Deleite**

Beatriz Bowles Vilela

tens um leito de fogo  
que nasce no peito e se expande  
um calor suave que se aninha no pulmão  
e se espalha pelo sangue é um murmurio.  
acentua rabiscas apontas insistes  
porque é um golpe duradouro em tuas entradas  
um sussurro no instinto que se emancipa  
se infiltra na ponta dos dedos é o arrepiado.  
cada assombro é uma descarga um vislumbre  
no templo vivo das sensações  
e flutuas é fumaça suspensa  
enquanto o gozo se enraiza  
no mais  
agudo  
de  
ti.

BEATRIZ BOWLES VILELA, 1986, Rio de Janeiro, Brasil. Escritora e tradutora. Autora do livro *Ousadia em Imagens* (ITS, 2012, Brasília). Recebeu Menção Honrosa pelo seu poema *voejo* no Festival de Poesia de Lisboa, em 2023. É uma das poetas selecionadas no Premio Voces Nuevas 2024, da Editora Torremozas, Espanha. Seus textos aparecem em diversas publicações, tanto no Brasil quanto na Europa. Mora em Barcelona desde 2015.

## Poema líquido

Judi Olli

Enquanto abria uma aba e outra, o poema escorria pelos cantos  
A imagem perfeita tal qual a aurora boreal (luz, contraste, luz)  
se desfez

Intacto no pensamento, completo, imaculado  
Perdido entre um clique e outro (a incansável pausa)

Era mais um poema sobre poema  
Mais perfeito, claro  
Perdido na fragmentação do desejo de controle  
Aqueles que você visualiza como um corpo externo  
Maior que você, como se não fosse seu (muito maior)

A expectativa da criação ri  
O cursor ainda pisca  
Inacabado

## Poética do cerrado

Judi Olli

O  
intangível  
[r]existir  
em nós

ainda que ateie  
ainda que queime  
ainda que deixe  
Morrer

*Judi Olli nasceu em Bodocó (PE), no sertão nordestino e atualmente reside em Campo Verde, no interior de Mato Grosso. É professora de Língua Portuguesa e de Arte, além de mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (2019). Sua produção poética tem como um dos temas centrais as inquietações da existência. Os poemas questionam o Ser e suas angústias em se [des]cobrir.*

## Nudez

Regiane Teixeira Marcos

Céu escuro, nuvens carregadas  
Lá está ela, galhos firmes  
Olho paralisada  
Nem folhas, nem flores sua beleza exprime.

Em seu estado de nudez  
Ela segue despida, sem vaidade  
Em busca de lucidez  
Incrédulo na sua alteridade

Sem sua armadura  
Segue bela e indestrutível  
Distribuindo força em cada envergadura  
Mesmo escondida seria imperceptível

Ali se repousa  
Para ressurgir em sua magnitude  
Observo-a em êxtase  
Aguardando sua plenitude

*Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Uberaba (2010), com diversas especializações nas áreas de Biologia, Química, Gestão Educacional e Inspeção Escolar. Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Federal de Ouro Preto (2022). Professora e diretora com experiência em gestão escolar, ensino de ciências e participação em pesquisas acadêmicas e sociais. Atua como escritora e PEB- Ciências/Biologia na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais desde 2014 e PEB Anos Iniciais na Prefeitura Municipal de Mariana desde de 2023.*

## **Coração Cítrico**

Manu Monteiro

Ácido  
Indomável  
Vibrante  
Em batimento frenético  
Vibra em melancolia da vida cotidiana  
Deixou de amar  
Amou demais  
Volta se apaixonar pela simplicidade das coisas  
Um coração adocicado  
Amargurado  
Ainda pulsa  
Desaccelera  
Acelera dentro do peito

*Mulher Preta, Psicóloga social e Clínica, redutora de danos, Multiartista, feminista, com publicações na revista Clandestina e Arrelique. Está publicando seu primeiro livro "Orios que atravessam meu corpo negro" pela editora @Alumiálivros*

## As estações

Iteuane Casagrande

E então é primavera  
E com ela se espera  
Flores desabrochando  
Colorindo todo canto, encantando.  
Época de alegres jardins enfeitados  
De borboletas coloridas voando para todos os lados  
De pessoas e sorrisos radiantes  
Desfrutando dessa beleza hipnotizante.  
Verão, estação do calor,  
Praia, sol e um bronzeado na cor,  
Pés descalços na areia,  
Curtindo o mar, sentindo-se sereia.  
É lindo o dia ao amanhecer  
Época boa para sair, curtir, espairecer,  
Reunir os amigos, risadas até entardecer,  
Clima quente que faz o coração também aquecer.  
No outono as folhas vão caindo  
Certa melancolia vem surgindo  
E assim a natureza se renova,  
Mas as folhas que caem trazem uma única certeza  
É a natureza renovando- se, trazendo no futuro grande beleza.  
Para alguns pode ser uma época triste,  
Mas em toda mudança, algo de bom existe  
As árvores ficam nuas, perdem sua viva cor  
Mas é parte de um processo transformador.

O inverno chega e o que eu quero é me embrulhar num cobertor,  
Quero um chocolate quente e o aconchego do meu amor.  
Ah que delícia! Um dia bem frio e nebuloso  
Bom para curtir um livro, um filme, ter o tempo ocioso.  
E assim como as estações  
São as nossas vidas, seguindo sempre com transformações  
Mudamos nossas rotinas, nossos pensamentos, nossas emoções,  
Cada dia pode ser diferente, só depende das nossas ações.

*Iteuane Casagrande é natural de Castelo, Espírito Santo e agora vive em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos. Escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração. Instagram:@entrepalavraserimas.iteuane*

## **Alinhar o eclipse**

Sílvia Henriques

Componho o campo invisível.  
É paisagem escrita nas nuvens  
ou nos confins de um vasto mar  
que faz ondas no branco da folha  
e vive além do fecho dos livros.

Acaricio a noite suave de cetim  
tecida com fiapos de emoção  
e palavras tingidas de luar.  
Estremeço. É breve o momento  
em o êxtase alinha o eclipse  
e toco o limiar do horizonte  
em que se formam todos os sonhos.

É de veludo este fato da cor da paz  
que visto sobre o coração desrido,  
comprometido na sua solidão  
para descobrir a beleza do mundo  
espalhada em paisagens fulgurantes  
onde nascem relances de poesia  
que é amor tão simples ao vento  
e à luz escondida na maresia.

## **Entre campos e almas**

Sílvia Henriques

Basta-me o silêncio de uma rosa...  
nada vejo das janelas e miradouros.  
Bastam-me os olhares sobre as searas  
e as brisas que dançam ondulantes.  
Longe, grita-me, em ondas, o mar  
e as planícies revelam-me as montanhas  
para que, mais alto, leve o olhar.  
Basta-me o silêncio de uma rosa  
ou de papoila em verde campo  
para ser borboleta num poema.  
Só não me basta a paisagem  
que vejo em cada pessoa.  
Sei que cada corpo e alma  
canta uma própria canção  
sobre o que traz o seu mundo  
e o seu mar por desvendar,  
onde se faz sozinho à vela,  
meu barco emergente de poesia.

*Nasceu em França, mas cresceu em Portugal. Escreveu os primeiros versos aos 12 ou 13 anos. À medida que foi crescendo, foi aprofundando o gosto pela poesia. Em 2023 e 2024, os seus poemas foram publicados na revista "Ofélia", volume II e III. Também publicou os seus versos na coletânea "Entre versos e flores" da Editora Fenixart e nas antologias "Liberdade" e "Cousa Amada" da Infinita.editorial.*

## O Apaixonado

Lucas perit

Esse desentendimento nada mais é que  
a tua capacidade de me entender e ao mesmo tempo não me entender.  
E isso, por motivos diversos e distantes da lógica.  
Por mais que eu espere que estabeleçamos algum tipo de comércio nesse meio tempo,  
falamos de duas ausências,  
como dois astros apagados, separados  
dessa vida e de outra não menos triste.  
  
Enquanto uns caminham sem intenção  
a morte acaba de vestir mais um dia.  
  
Como me sobra tempo,  
falo de uma outra ausência, agora  
um ritual sobre astros e planetas,  
pois não há poema mais belo do que aquele que começa na terra e termina no espaço.

## Endogamia

Lucas Perit

Esse pensar parente a si mesmo  
mascarado sobre outras formas  
se engana, segue exilado junto a mim  
por mais um dia me sustém e erige a si  
mesmo em minha honra  
capital de um império que nunca  
existiu.  
Corrige todos os erros e cria outros  
mais  
neste corpo feito para entrar  
nesta boca feita para sair  
com aquilo que já não pode mais não  
ser dito.  
Palavra-catástrofe feita à medida do  
meu eu  
há de encontrar um caminho  
arraigado naquilo já inscrito por ti.

São Paulo, 1985 – Poeta e tradutor. Escreveu alguns livros de história e fotografia. Publicou os livros de poemas: 38 Movimentos (Lumme Editor, 2018) e Cosmocorpo (Editora Urutau, 2022). Tem poemas publicados em algumas das principais revistas brasileiras, além de algumas revistas de Portugal, Espanha, Galícia, Colômbia, Peru e México.

## **PLENITUDE NANANINANÃO**

Pedro Albuquerque Pedro Albuquerque

A poesia resume-se a isto:  
Escrever por escrever  
Silêncio Comer por comer  
Entre as palavras Crer por crer  
Que não preciso dizer-te. Menino  
Viver por viver  
Não vale.

*Pedro Albuquerque nasceu em Aveiro (Portugal) em 1992 e, desde cedo, mostrou apetência para as artes. Antes de escrever, já ditava seus textos e, aos 6, com a entrada na escola, descobriu a poesia e a declamação. Mestre em Engenharia e Design de Produto, trabalhou vários anos na área até se virar para dentro e não mais largar os livros. Em 2022 lançou "ExTratos Dramáticos" e, imediatamente, começou a participar em Feiras do Livro, programas de rádio e televisão e a dar palestras em Universidades. Encontra-se a terminar o próximo livro.*

## **Os sinos**

Duda Junqueira

no meu grande sonho  
estou apta e na praia  
despida e destoada  
sem canoas e sem notícias  
sem medo nem ingratidão  
sinto somente o mar o tempo  
e essa dor nos ossos  
ouço somente os sinos  
acompanhados das gaivotas  
na boca o sabor de graviola  
uma luz inútil já terá entardecido  
tomara que assim seja um bom jeito de esperar  
as palavras me alcançarem para eu poder enfim  
te dizer qualquer coisa de melhor  
que isso

## **Fotografia**

Duda Junqueira

eu, o cisne  
planando na sua órbita  
derramando a superfície  
você, o galho  
abissal na água  
ramos inócuos  
gotejando de sal  
com nenhuma dor

*Duda Junqueira nasceu ao sol de Libra e é poeta, estudante de direito e dançarina de pole dance. Escreveu os livros de poesia "se uma árvore cai" (Patuá, 2022) e "nada mais será sagrado" (Nauta, 2024)*

**(sem título)**  
Jane Pinheiro

os vagões ficaram tanto tempo abandonados  
que o mato deu de crescer por ali.  
de início, ganhei uns trocados para capinar os  
assentos,  
mas as raízes ganharam força e se desenvolveram  
em árvores.  
as rodas deram pra pedras.  
alguém sentenciou que o trem ia virar montanha.  
o papagaio do meu avô aprendeu a se esconder  
entre folhagens e ferragens.  
de noite, errava o caminho de casa e gritava  
desesperado, vô, vô.  
dizem que ele via assombração.  
era helena que dizia.  
helena nunca chegava nem perto do muro onde se  
escorava aquele resquício de trem.  
e ficava cismada que o papagaio trouxesse em  
seu rastro algum vulto.  
na sala de jantar, o retrato de meu avô com a  
minha avó que se foi.  
helena botava carne de gato no nosso prato, que  
era um modo de chamar aquela carne  
chamuscadinha no óleo, e todo mundo tentava  
esquecer esse assunto de fantasmas.

Jane Pinheiro nasceu e mora no Recife. Artista Multimeios, Educadora, Escritora. Em suas formas de expressão navega pela escrita, fotografia, aquarela, videopoema e têxtil. Arte Contemporânea no Recife dos anos 1990, recebeu o prêmio de Melhor Ensaio no 45º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco 2002-2003. É possível ver um pouco da sua produção no site [www.janepinheiro.com](http://www.janepinheiro.com), no seu canal no YouTube: <https://www.youtube.com/c/janepinheiro>, ou no Instagram: @janepinheiro.

## Para esta casa

Jade Rossoni

Com paredes bem sólidas e tortas  
Pisos gastos e quebrados  
Altos andares  
E tudo isso, em cada pedacinho de tijolo que  
há aqui  
Tem mais história do que posso ousar contra.  
Hoje, você me parece estar feliz  
E espero que sim!  
Pois agora, aqui é o meu novo lar.  
Uma terceira geração sendo sustentada pelas  
mesmas paredes que, um dia, tiveram que  
levantar.  
Então, querida casa,  
Continue como está  
Porque, mesmo que seus donos não a habitem  
mais,  
Os moradores que aqui estão e seus instáveis  
visitantes,  
Precisam das memórias que estão em suas  
tortas paredes sólidas e seus quebrados gastos  
pisos...

Céu cinza

Jade

Eu vi o céu escurecer e cair bem diante dos meus olhos  
Mas eu não fui capaz de fazer nada a não ser apenas  
observar  
Eu perdi todos os meus sentidos,  
O céu estava caindo e levava toda minha alma  
naquela queda  
E minha alma, que nem ao menos estendeu sua mão  
para socorrer o céu aos prantos,  
Foi levada terra abaixo sem saber por quanto tempo  
ficaria soterrada...

*Me chamo Jade, aprendi a arte de escrever ainda na escola, sempre me encantei com aulas de redação e os poemas que minha bisavó escrevia. Atualmente tenho o sonho de contar histórias em forma de poemas e, quem sabe até chegar a um livro? Acredito que o mundo torna-se bem mais leve quando vemos a vida através de misteriosas palavras...*

## Paradoxo

Priscila trindade

O futuro perde o rumo,  
Na estrada sem caminho.  
Tudo fica meio escuro,  
No percurso do destino.

Na razão desse meu ser,  
Eu procuro só respostas.  
Tudo claro a meu ver,  
Poesia como história.

Sabotagem do querer,  
Pode ser assim de vez?  
Vou moldando o desalinho,  
Mudar da água para o vinho.

E sem medo vou em frente,  
Busco rumo ou consolo.  
Perco freio e vou de vez,  
Já não temo o desconforto.

Finalizo esse poema,  
Com todas as minhas armas.  
Não existe mais desculpa,  
Vou seguindo a minha busca.

*Priscila Trindade de Aguiar é terapeuta e enfermeira, formada pela Faculdade de Ciências Médicas Santa Casa de São Paulo. Nascida na capital de São Paulo, em 1984. Atualmente trabalha com terapias integrativas e práticas de autoconhecimento. É uma apreciadora da arte e escrita em sua totalidade.*

## **Impulsos ao fim**

Fernanda Luiza

Sinto que te preciso e tenho feito feitiço pra te  
ter perto de novo  
Nessa época do ano contagia a alegria do  
meu povo  
E é como magia essa perdição que tenta me  
puxar para fora.  
Espero, te espero, e você não vem  
Aos suspiros, resignifico porém,  
a sua ausência  
E me vejo brilhar de novo  
Apesar da mandinga  
Tenho eu mesma me enchido de encanto  
Venho adormecendo devaneando  
Com você  
Entre sorrisos, entre prantos  
Mas sempre descrente  
Às vezes meio só  
E eu já espero que não volte.

## **Neves de Espirituosidade**

Fernanda Luiza

Aos tropeços eu vou caminhando  
de bolso vazio e cabeça rodando  
Quando os fogos anunciam o início da vida de novo  
E a paisagem se mistura às minhas memórias  
E me comovo  
satisfeita com o meu ontem.  
Quando senti sobre mim seu olhar soridente e ornado de  
graça  
E sua pele dourada com um brilho acentuado  
que me chamava para perto, pro outro lado  
o mais santo  
O lado em que me deixei seduzir por todo aquele encanto.

*Meu nome é Fernanda Luiza Viana Ferreira, e eu sou uma jovem negra carioca de 16 anos. Sou cria da Maré, estudante de alemão, e além de poeta, também sou mediadora de leitura e palestrante.*

**(sem título)**

Vitória Cavalcanti

quele silêncio quando  
pousei meus olhos  
sobre aquela figura  
o tempo passou a  
arrastar-se  
porque era ele ali  
com aquela aura  
misteriosa e ainda  
assim reconfortante  
e de todos os sorrisos  
que observei, o seu  
era o mais lindo

**(sem título)**

Vitória Cavalcanti

olhar para ele era como observar um aglomerado estelar  
esplêndido  
cativante  
arrebatador

*Me chamo Vitória de Jesus Leandro Cavalcanti, sou graduanda do curso de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Escritora com uma habilidade inata de falar pelos cotovelos, apaixonada por plantas e iludida com personagens fictícios nas horas vagas. Dorameira, amante de rock, café, gatos e basquete.*

## (sem título)

*Jacqueline de Campos*

há essa montanha na gaveta crescendo comigo  
mudas sobre a paisagem, veja:  
estamos erodindo  
névoa, grão, choro de um deus perdido,  
tudo isso fomos um dia  
ilha maior que a Terra  
infância maior que a vida  
há essa inundação diária, o mar  
invade a casa,  
te fita,  
antigo,  
de inédito brilho  
aí vem o dilúvio:  
não dos céus  
nós é que transbordamos,  
e afogamos  
bichos  
planícies  
depressões  
ecos de eus  
que  
já não somos

*Jacqueline de Campos* Nascimento nasceu em 1997, em Biguaçu, Santa Catarina. É poeta, prosadora e editora de livros. Instagram: @nuverbocru.

## **Alternativa**

Elidiomar Ribeiro

Contemplo pela janela uma vida que não vivi  
Eu gosto dessa vida

*Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo, mestre e doutor pela UFRJ. Professor e pesquisador da UNIRIO, desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural.*

## **Onde estão os vagalumes?**

Elidiomar Ribeiro

Parei para pensar nos vagalumes  
Estrelas baixas ao alcance das mãos  
Brilhos volantes das paisagens noturnas  
Há quanto tempo não os vejo?  
Tenho que parar para calcular  
Contar anos, quem sabe décadas  
O mundo vai esquecer que existem  
vagalumes  
E quando forem esquecidos de fato  
A vida se tornará mais triste

## **Uma aprendizagem**

Rafael Salles

Parado no mundo tenho escrito meu penar.

Pastiche de sonhos perdidos ao léu,  
naufragado entre máscaras e pedregulhos ilusórios.

Se a vida é só uma,  
onde posso deixar meu coração sangrado antes de partir?

Não lembro da última vez que consegui chorar.  
Outro dia lembrei da última vez que minha mãe me levantou a mão  
e apontou o dedo no meu rosto.

Deixei os restos voarem pela janela,  
o luto dissipou-se no ar que a chuva trazia;  
faz-se noite entre as melodias,  
cantos bachianos que ecoam entre as penumbra.

Olhares em desencontros,  
suor gelado que quase entra nas veias,  
ranger de dentes em sinfonia,  
arritmias em desalinho.

A desilusão roda na vitrola,  
o desamor transborda a taça.

Viver é a certeza de nunca, nunca morrer.

*Rafael Guillermo Salles é multiartista; professor, poeta, pintor, fotógrafo, cineasta e ator radicado em Recife, Pernambuco. Explora em seu trabalho suas vivências enquanto homem trans e sua jornada desde que entendeu-se como corpo fora da cisgender normatividade, sabendo através de seus trabalhos a dor e a delícia de ser o que é. Licenciando em Letras Português-Inglês pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).*

## **Claridades de dentro**

Ser Imenso

Pela tarde se caminha  
Um céu que regozija um olhar  
Nuvens que se dissipam  
Como as vidas  
Que estão a passar  
Em banco de praça  
Fenece a agonia do dia  
Vento, ar, folhas  
Enérgica, florida, inteira  
A calma rara, a calma solta  
São despejos de si mesmo  
São claridades de dentro  
Que só se encontram lá fora.

*Jefferson Sobral (Ser Imenso) é Designer por formação. Utiliza da palavra poética e arte visual para expressar suas vivências, através de recursos como audiovisuais e intervenções urbanas.*

## **Pra ti**

Ser Imenso

Em calma de transeunte  
Percorri ruas  
Subi calçadas  
Atravessei pedestres  
Olhei semáforos  
Em calor de sol que não sevê  
Estive a te procurar  
Encontrei desenhos de ferro  
Lá estava a folha do encanto  
E não pude evitar  
Como cartela, colori meu olhar  
Te arranquei em verde  
Te trouxe em rosa  
Um pouco de ti  
Para preencher o meu rosar.

**(sem título)**

Eduardo Silva

I

Chamego meu,  
Me deixa te mostrar  
Que a beleza do céu  
Se apequena diante  
Desse teu olhar.

*Meu nome é Eduardo Silva, eu tenho 21 anos e escrevo desde os 15 anos. Sempre estive em contato com a poesia desde a infância ouvindo os cantadores de repente que minha avó sempre colocava para ouvir e com isso apenas foi aumentando com o tempo a minha paixão pela poesia e o encanto por também escrever.*

**(sem título)**

Edurado Silva

II

Na beleza da lua que cativa  
Enxergo apenas o teu semblante.  
Do brilho das estrelas que cintilam  
É dos teus olhos que sou amante.

Desejo o vago céu da tua boca  
Na ânsia louca de te beijar.

No olhar farto em que te observo  
Digo o que quero sem nada dizer-te.  
És dona do sentimento ao qual sou servo  
E da vontade que sinto em querer-te.

## **A praia    O mar é o infinito da Terra**

Lúcia Centeno    Lúcia Centeno

Meu corpo é água contida	Para as contradições de ser
Minha alma é água corrente	Há mar em cada alma
&	Amar
Quando eu mergulhar	Nas ondas de caos
As ondas guarão os sonhos	Amar
Do tempo em que esperei na areia	Nas cheias de calma

*Sou jornalista pela ESPM, pós-graduanda em Literatura Brasileira pela UFRGS e escritora por conta própria. Publico um pouco do que faço (e mostro muito do que me inspira) no meu @megerabovary, cuja administração está por conta de algum dos seis gatos que tenho em casa.*

## **A quarta parede**

Lúcia Centeno

~ nada  
nunca haverá o certo  
e tudo o que liberta na Realidade  
põe abaixo essas expectativas  
muradas  
por um Per  
~~~~~ feito de concreto.

## **El Jardim**

Emanuella Forte

Nem só de vôo se faz um pássaro  
Migração...  
Espalhar as flores (Ninguém vê)  
Como não sonhar a Primavera?!  
Partindo  
Repartindo  
Para não caber.  
Pra caber mais em mim  
Atravessar o vale  
Quantas vezes for preciso!  
Retornar...  
{El Jardim}

Reinventar-se, é um alívio!

*Emanuella Forte é uma compositora, cantora e poeta brasileira. Seus temas trabalham com questões existenciais, como o sentido da vida e da morte, passando por questões cotidiana.*

# I n d i c a ç õ e s d e      l i v r o s



# Leandro Aparecido de Souza

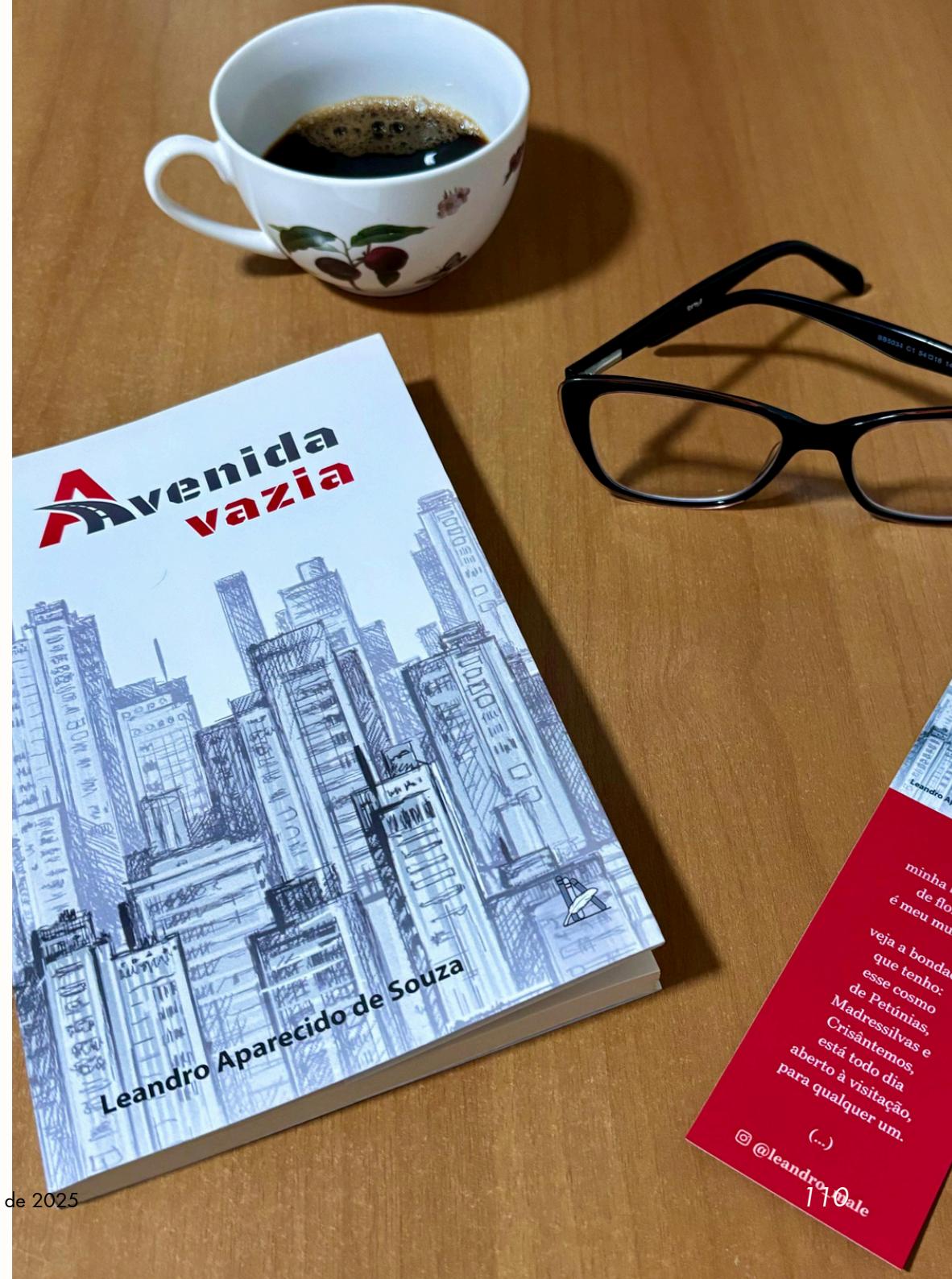
## autor do livro Avenida Vazia

Leandro Aparecido de Souza (1985) é paulistano, poeta e servidor público. Surfa no arroba @leandro\_male, voltado à divulgação de seus estudos e impressões sobre poesia e artes em geral. Pesquisa as vivências marginais enquanto estética artística e seus efeitos no inconsciente humano. Se interessa por novas expressões literárias, alcançadas por meio da experimentação e inovações temáticas e linguísticas. Reflete sobre os efeitos do racionalismo e do capitalismo sobre o imaginário cultural-artístico. Frequentava oficinas de escrita coordenadas por autores consagrados da literatura contemporânea.

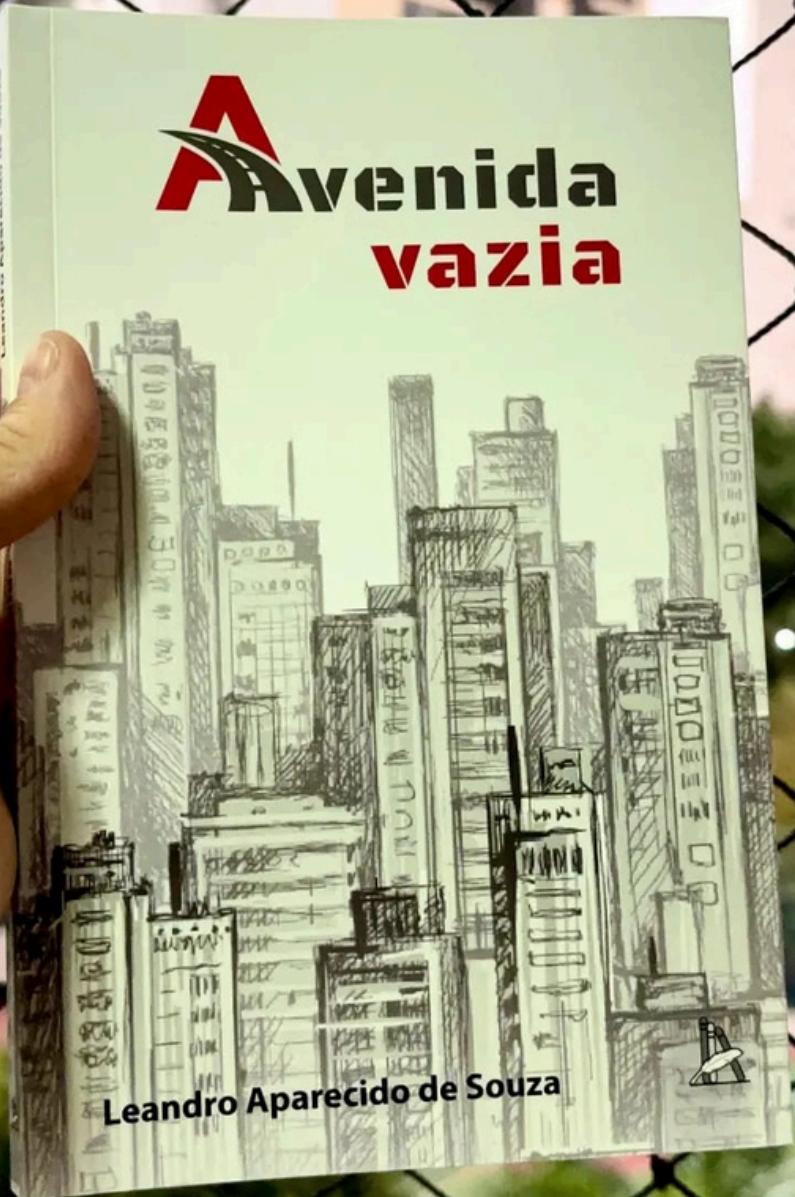
### Sinopse do livre Avenida Vazia:

A poesia de Avenida Vazia é sustentada por pilares ligeiramente narrativos, que esquadram cenários e acontecimentos cotidianos, trafegando minuciosamente pelo ambiente doméstico, vasculhando intimidades nas gavetas, perscrutando os odores da roupa suja, alinhando memórias e reflexões sobre a infância, a família, as crenças, os discos, os desejos e a morte. O pequeno universo visto entre as frestas das cortinas de um quarto modesto avança o quintal, a calçada, o bairro periférico, o sinal, a cidade... Uma avenida vazia – via repleta de ausências – torna-se um manifesto de uma multidão solitária.

L e i a   u m  
t r e c h o   d o  
l i v r o  
A v e n i d a  
V a z i a   a  
s e g u i r



minha  
de flo  
é meu mu  
veja a bonda:  
que tenho:  
esse cosmo  
de Petúrias,  
Madressilvas,  
Crisântemos,  
está todo dia  
aberto à visitação,  
para qualquer um.  
(...)  
© @leandro10ale  
110ale



## duas pedras de gelo

eu sabia que ela viria embrulhada nas sombras.

por isso assumi a mais cínica e completa imobilidade de que fui capaz.  
porque o inclemente frio

mordia.

com dentes afiados.

e logo o tract prazenteiro da porta de seu quarto se abrindo.

nenhuma surpresa. as chinelas gastas se arrastando no piso.

me fiz ainda mais imóvel, como se fosse possível, com um sorriso de conforto invisível no breu.

me passaria por alguém que já ia no sexto ou sétimo sono profundo.

como das outras nostálgicas vezes. o tract

da porta de meu quarto e uma ansiedade  
gostosa em mim.  
resmungo surdo dela. sussurro. muito baixinho,  
para si mesma.  
na certeza ingênua de que eu dormia de  
fato.

eu me comovia até a raiz da minha mudez, até o último  
foco  
de coração.  
derretia por aquele velar pelo meu sono.

(– tá frio demais... demaissss...)  
um tremorinho meio afetado no final da semi inaudível  
fala.  
e o toque materno, protetor, xamânico,  
aconteceu.  
e o arfar asmático sofrível.  
minha singular mãe era uma mulher de peito  
pesado.

mas estava levemente controlada,  
apesar de nunca totalmente controlada.  
com certeza tinha usado o  
salvífico inalador há pouco tempo.

eu achava até bonito, aquele doído  
sacrifício que fazia por mim.  
abandonar as quentinhas  
cobertas  
e vir arrastando seu peito pesado.

pra cuidar de mim.

às vezes eu me sentia fatalmente culpado.  
poderia pôr fim àquilo. dizer: manhê,  
eu tô sempre acordado.  
deixa que me viro.

mas não podia.  
precisava daquele momento de carinho  
secreto.  
e ela também.  
quem sabe até mais do que eu.

mas voltemos ao toque materno!  
paramos no toque materno.  
primeiro, com muito doce cuidado, ela apalpava meus pés.  
(– duas pedras de gelo! como pode?  
a pessoa ir dormir num frio desses e não colocar meia?!)  
sempre no autodiálogo do sussurro, para não me  
acordar.

e ia às trôpegas apalpadelas, no escuro,  
em busca da minha caótica gaveta de  
meias.  
mas o seu terno calor já havia tomado conta do  
quarto.  
já não era necessária a meia.  
mas ela não precisava saber disso.  
e jamais saberia.

calça habilmente os meus pés.  
como a pessoa podia acreditar que uma movimentação  
tão agitada daquelas, não acordaria o outro?!  
uma fé muito bonitinha.  
levantava os meus dois disformes pés e encaixava  
a coberta por baixo

(- que pé feio, meu Deus! é o pé do pai...).

mas a parte que eu mais gostava era o final.  
ela afofava o arrumado.  
sim,  
dava uma carinhosa pressionada em todos os lados,  
para ajustar a coisa.  
mas eu não tinha indefesos cinco anos de idade,  
nem dez, nem mesmo quinze.  
já contava vinte e dois mal-acostumados anos,  
marmanjo.

ela sempre repetia: até quando vou ficar  
cuidando de marmanjo?  
e cuidou.  
até o breve fim.  
num dos momentos de maior dor da minha vida,  
no fim de um longo relacionamento, eu entendi.  
nunca,  
absolutamente nunca, ninguém mais,  
quem quer que seja,  
faria aquilo por mim.

e chorei amargamente, porque minha  
mãezinha já se tinha ido.  
e de fato, escrito em pedra,  
ninguém voltará a fazer isso por mim.  
e é certo que seja dessa forma.

não poderia ser diferente.

o que só uma mãe faz.

#### Considerações do autor sobre o trecho *duas pedras de gelo*:

O poema tem mesmo esses espaços, afastamentos, recuos, como queiram chamar, palavras sozinhas na linha, etc. Está exatamente na disposição em que se encontra no livro

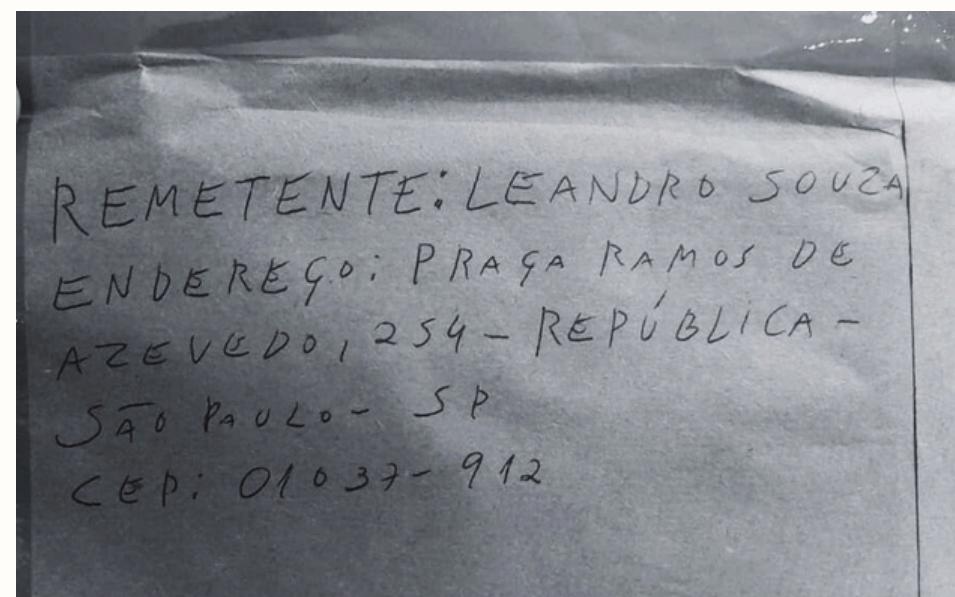
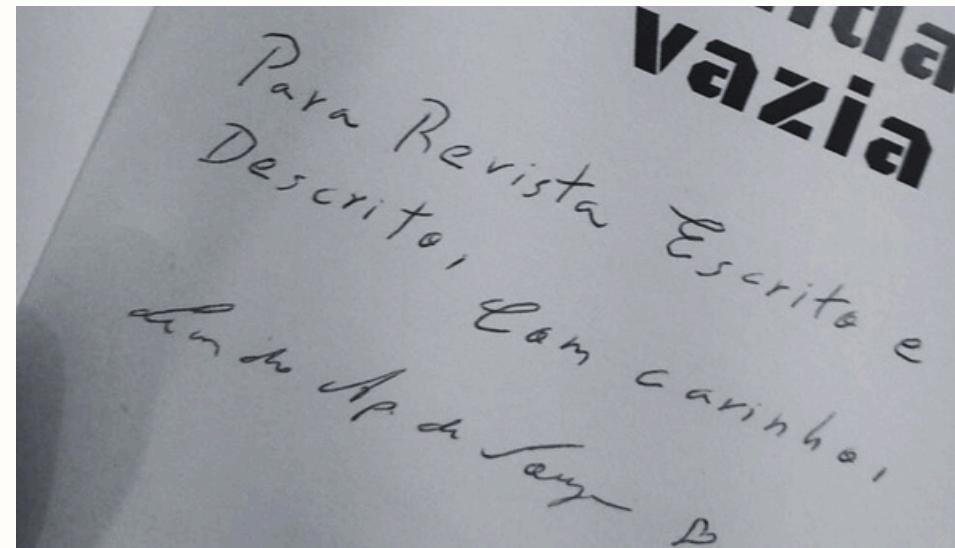


# Resenha do livro Avenida Vazia por Mathenovê

A avenida está vazia. esse vão. a estrada. e eu em busca de ti. algumas dessas noções me possuíram com a leitura do primeiro livro de Leandro Souza. Fiquei feliz que depois de algum tempo voltei a consultar o dicionário, pois algumas de suas palavras ainda não tinham voado sobre meus olhos. Gosto do atravessamento da voz do texto (eu-lírico). primariamente masculina e, a posterior, feminina. essa interrupção deu um outro tom ao livro e a forma que fui compreendendo a narrativa. Contudo, achei surpreendentemente repentino o tom sexual bem no finalzinho do livro. Cogito dizer que essa última passagem foi a mais interessante e divertida. a avenida, em contrapartida, está cheia de palavras. de chagas. de fissuras. e de amor também. é na avenida que te encontro. encontro a palavra. o corpo. o mar.

O livro de Leandro nos encontra no dia 05 de fevereiro, no clímax da tarde. foi aquela surpresa boa que todo leitor ama. receber um livro. ter a felicidade clandestina de Clarice, assim, pertinho de si. felicidade que compartilho ao finalizar a leitura também. nenhuma queixa sobre a forma belíssima como o Leandro assume temas mais sensíveis, reais e próprios do nosso redor.

sua escrita é tão protozoária. delineada e por vezes, até isquêmica. de tirar o fôlego.





6  
Junho  
sexta

6 Junho sexta

7.00 nenhuma queixa a forma belliç  
8.00 na telante a qual Geddes ex  
9.00 as recordar temos mais sensí  
10.00 reais e próprios da nossa re

*Leandro Aparecido de Souza*

*contavam confusas histórias de atividades  
físicas.*

me debrucei meliante sobre a suspeita margem  
daquele caldo nutritivo primevo,  
do mesmo tipo vibrante daquele do qual proveio  
vulcânica  
toda a vida imemorial do arcaico planeta Terra.  
um arrebatado místico falaria solem  
trincado barro  
qual Adão vaso  
avia, r

que falece imemorial do arcaico pr  
um arrebatado místico falaria solene  
intrincado barro  
do qual Adão vaso foi feito.  
todavia, meu lúbrico arrebatamento era  
de outro tipo, mais sensorial.  
ão se tratava de  
iasma

*não se tratava de  
miasma  
ruim*

... e nem bom.  
mas apenas de maduro miasma,  
formigante miríade de olências er  
célere decomposição,  
o inebriante vinho  
é resultado de infe  
nem toda escat  
mal.  
contudo, tam'  
os fervilhar

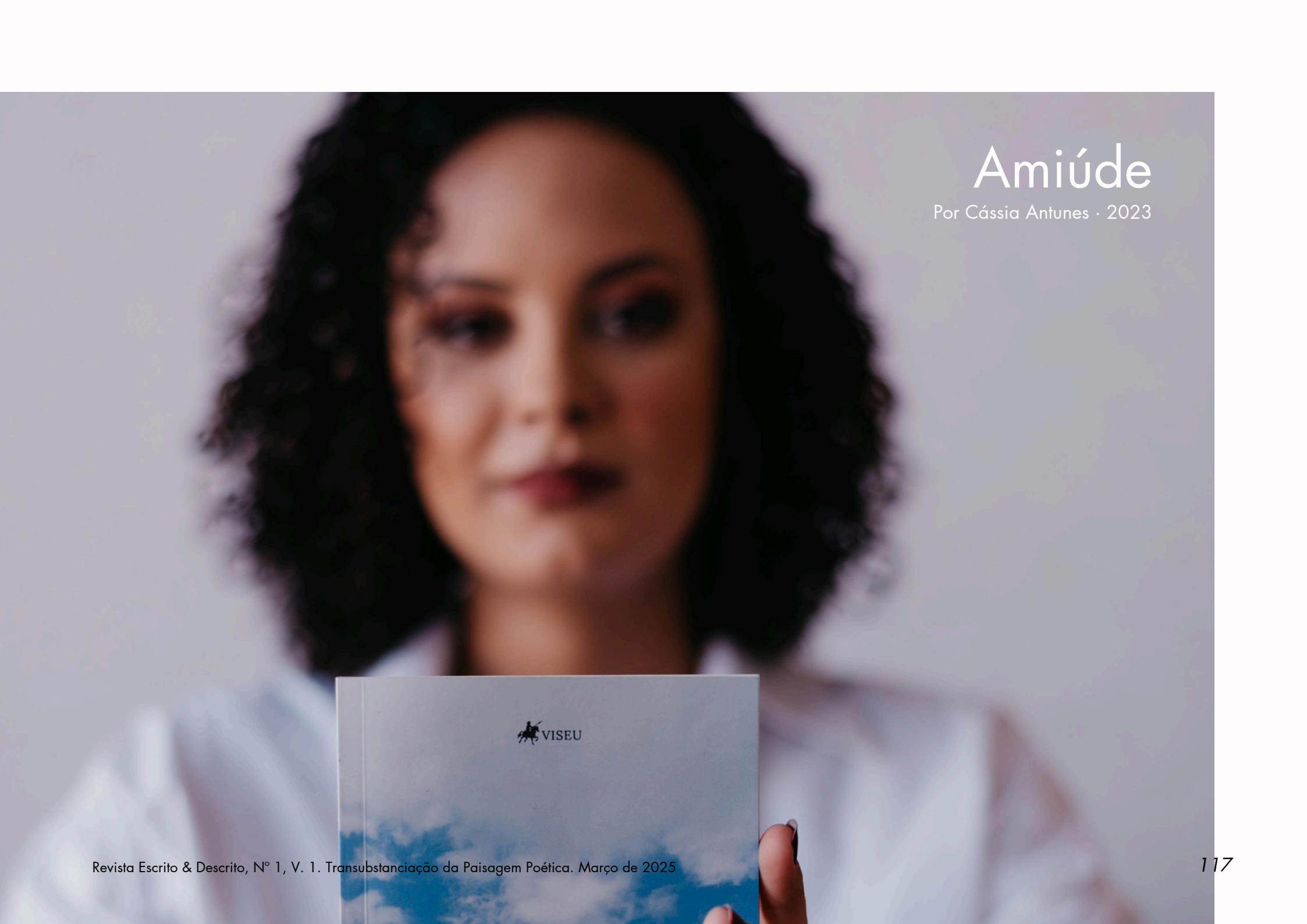
para o  
nom

## Mathenovê escrevendo resenha do livro Avenida Vazia

*marmóreos c  
mas tudo isso e  
e o cítrico comp  
e nem bom. apen  
era.  
e invasivo eu mergu  
no nevoento lago de c  
nervosos  
dedos*

*dedos  
tocassem seu fundo plástico  
e lascivo, permiti que minha  
face fosse  
ejada  
ela névoa miasmática,  
revolto fundo, fiz vir para a a  
orenco pé de meia.*

branco, encardido, de marca espalhada, já me induziu a usar triunfante q 6 | meia fungo, is dinâmico. Esas de umas poucas e originais esportivas co... n, aind...

A close-up photograph of a woman with dark, curly hair. She is looking slightly to her left with a neutral expression. In the lower-left foreground, a hand holds a small, light-colored book or card. The book features a small black logo of a horse and rider on the left, followed by the word "VISEU" in a serif font. The background is a soft-focus outdoor scene with greenery and a building.

# Amiúde

Por Cássia Antunes · 2023



Cássia Antunes,  
advogada,  
psicanalista  
e poetinha das horas vitais.

Escrever é, para Cássia Antunes, uma necessidade. Colocar em palavras suas ideias e sentimentos não lhe é opção. Por meio dos poemas, a autora consegue se expressar da forma mais autêntica. Ela costuma dizer que tudo que escreve é poesia, às vezes em versos, às vezes em prosa. Às vezes ela cozinha a poesia. Que a poesia é alimento, não podemos negar. A poesia está em tudo e em todos nós. Que este livro o alimente. Foi feito com amor, o tempero essencial, e cozido lentamente em fogo baixo.

## JOVEM POETA GANHA PRÊMIO DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

---



O livro *O Mar de Vidro*, da jovem poeta maranhense Gabriela Lages Veloso, ganhou o segundo lugar no Prêmio Melhor Livro de Poesia de 2024, promovido pela Academia Maranhense de Letras.

A cerimônia de premiação aconteceu no dia 16 de dezembro de 2024, a partir das 19 horas, na sede da Academia Maranhense de Letras (AML), localizada no Centro Histórico de São Luís, capital do Maranhão.



Gabriela Lages Veloso, de 27 anos, é escritora, poeta e crítica literária. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Mestra em Letras, na linha de Estudos Teóricos e Críticos em Literatura, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Já colaborou com coletâneas e revistas no Brasil e no exterior, bem como foi finalista de diversos concursos literários nacionais. É autora dos livros *Através dos Espelhos* de Guimarães Rosa e Jostein Gaarder: reflexos e figurações (Editora Diálogos, ensaio, 2021) e *O Mar de Vidro* (Caravana, poesia, 2023). Além disso, é organizadora da Antologia Poéticas Contemporâneas: uma cartografia da escrita de mulheres (Brecci Books, 2023) e da Coletânea de Contos, Crônicas e Poemas As Sombras da Cidade (Brecci Books, 2024). Seu livro *O Mar de Vidro*, ganhador do segundo lugar no Prêmio Melhor Livro de Poesia de 2024 da Academia Maranhense de Letras, se encontra no acervo das bibliotecas mais prestigiadas do mundo.

O Mar de Vidro, da poeta maranhense Gabriela Lages Veloso, nos revela, através de uma linguagem poeticamente elegante, a profundidade de dois grandes símbolos universais: a água e o espelho. De um lado, o mar como representatividade do curso da existência humana e a instabilidade de seus sentimentos e desejos; de outro, o espelho, superfície do mar que reflete a imagem contemplada e que a confronta com seus reais abismos, aqueles do eu profundo, a alma: "Tua dura água reflete / e encanta os Narcisos, / levando-os ao eterno / descontentamento (...) Espelho, és o poço mais / profundo que existe" (O mar de vidro, p.24). A leitura dos versos de Gabriela nos conduz a uma viagem pelo conturbado mar da essência humana sob o oráculo da Tríade Divina: Gaia, a Mãe Terra, símbolo da fertilidade e da renovação, a origem de toda a vida; Vênus, a que aviva o desejo apaixonado dos corações humanos e que busca pela sublimação do amor e Atena, símbolo da comoção e evolução humanas, a que prima pela reflexão. Mergulhar nesse mar de vidro é fertilizar a alma!

Poeta Marta Cortezão





p o e m a s d e  
M a t h e n o v ê

Eu  
Era a pessoa  
Que tinha se tornado  
Dramática e sensível

Eu era a pessoa  
Que encontrara  
A flor jogada no chão

Eu era a pessoa que  
Aprendeu a voar  
Por necessidade

E a gostar  
De não valer nada  
Quando o céu caia sobre mim

Tudo  
Que  
Se  
Transforma  
Um  
Dia  
Morre

Viver é quase um processo  
involuntário de transformação.  
Uma preparação intensa  
Como a água, agora, evapora  
Escorre de nossas mãos  
E some.

Gosto de pensar que  
Um dia  
A chuva acabe molhando  
Meus olhos tão profundamente  
Que eu sempre veja os peixes nadando  
Seres microscópios sobrevoem a retina  
Milhares de plânctons  
Uma hidrosfera inteira em mim.

Crio  
Até  
Quase  
O entendimento.

A placenta é pura Transsubstanciação da Paisagem Poética.



# rosinha de valença

Maria Rosa Canelas Valença (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 1941 – Idem, 2004). Violonista, compositora, arranjadora, produtora e cantora. Interessa-se pelo violão na infância, incentivada pelo irmão Roberto. Abandona os estudos para se dedicar à música em 1960, e decide partir para o Rio de Janeiro em 1963 (enciclopédia do Itaú Cultural, 2024).

Lançado originalmente em 1971 o álbum é o quinto da discografia da violonista fluminense, que chama atenção pelo toque singular de seu violão. No repertório, Rosinha toca versões lindíssimas de músicas como "Asa Branca" (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), "London London" (Caetano Veloso), "Zanzibar" (Edu Lobo), "Samba da Minha Terra" (Dorival Caymmi) entre outros compositores importantes da música brasileira. Vale ressaltar a belíssima versão da internacional "Summertime" (Tresselos, 2020).

Mathenovê: A música apareceu como sugestão no Instagram e eu adorei. A revista Escrito é intensamente movimentada por música e achar Rosinha e sua música Summertime foi uma surpresa boa que fará, sem dúvidas, a revista ser lembrada com o toque de seu violão.

Viva rosinha. Viva a revista escrito.



Projetos parceiros dessa edição.  
Acompanhem nas redes sociais



GNEFIL - Grupo nacional de estudantes de filosofia

São grupos de estudos gratuitos de filosofia com o objetivo de divulgação acadêmica e valorização do saber filosófico.

← gnefil\_oficial

GNEFIL\_OFICIAL  
753 posts 2.165 seguidores 620 seguindo

Educação  
Grupo Nacional dos Estudantes de Filosofia  
Grupos de estudos gratuitos  
Divulgação acadêmica e valorização do saber filosófico... mais  
Ver tradução  
linktr.ee/gnefil\_oficial e outros 2

gnofil\_oficial 2 novas •

GE - Psicanálise GE - Filo e Mist GE - Fenom GE-F.Medieval GE

PARMÊNIDES DE ELEIA  
O Ser é imutável  
A reflexão sobre o ser e a negação da mudança  
RICK and MORTY Nietzsche:  
HERÁCLITO DE EFESO:  
Tudo Flui - conceito de mudança constante e o fluxo da natureza  
NOVA EDIÇÃO DA ekstasis  
VEM CONHECER NOSSA NOVA

Projetos parceiros dessa edição.  
Acompanhem nas redes sociais



REC de filmes é uma página de cinema criada em 2020 por Joebson José, focada em críticas de filmes recém lançados nos cinemas e com grande repercussão na temporada de prêmios. Além disso, listas de recomendações e histórias de filmes, bastidores, movimentos cinematográficos e períodos do cinema.

Ainda Estou Aqui é uma daquelas obras **7/10** exaltam a importância das fotografias, do cinema, do registro. Até quando a memória é afetada pelo Alzheimer e os momentos apagados, o registro retoma as lembranças e nos mostra a importância de ainda estar aqui debatendo sobre esse cruel período, de não esquecer esse passado nem o porquê das lutas de pessoas como Eunice Paiva.



← **recdefilmes** ⌂ ⋮



139  
publicações

374  
seguidores

266  
segundo

[•REC]  
★ Criado por: [@joebson.jose](#)   
★ Recomendações da sétima arte  
★ Críticas, REContos, Listas, Reels  
[Ver tradução](#)  
[boxd.it/2BEg7](https://boxd.it/2BEg7)

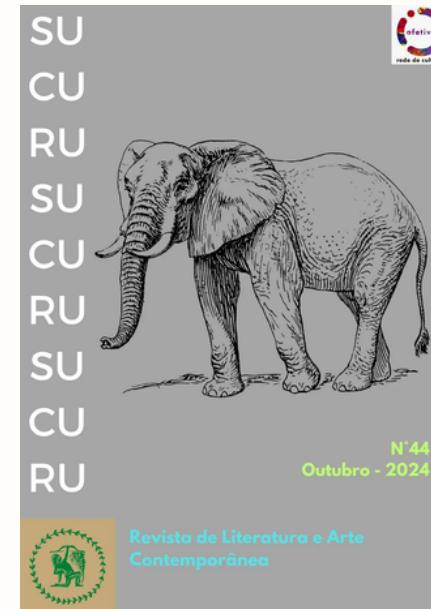
Projetos parceiros dessa edição.  
Acompanhem nas redes sociais



Revista Sucuru

A Revista Sucuru é uma publicação independente de Arte e literatura contemporânea, criada pelo poeta, escritor e editor paraibano Daniel Rodas em 2021. Partindo de uma proposta inicial de divulgar a produção artística da atualidade - com foco especial na publicação de poemas, mas também fotografias, artes plásticas e hibridismos em geral - a revista recebe colaborações de artistas de todo o Brasil e também do exterior, sempre buscando prezar pela qualidade e a pluralidade de suas produções. No decorrer desses três anos desde sua criação, a revista já publicou centenas de autores(as) nacionais e internacionais, em edições mensais, com foco na diversidade e pluralidade de vozes, sempre de portas abertas a novas contribuições.

E-mail para contato/envio de textos: [revistasucuru@gmail.com](mailto:revistasucuru@gmail.com)  
(Conferir as Normas de Publicação em nosso Instagram: @revistasucuru ou em nosso site: [medium.com/revista-sucuru](https://medium.com/revista-sucuru))



← **revistasucuru** ⚡ :



**239**  
publicações

**2.008**  
seguidores

**701**  
segundo

**Revista Sucuru**  
Revista Nordestina de Literatura e Arte Contemporânea  
Publicamos artistas de todo o país.  
Envie seu texto para: [revistasucuru@gmail.com](mailto:revistasucuru@gmail.com)  
[Ver tradução](#)  
[medium.com/revista-sucuru](https://medium.com/revista-sucuru)

Projetos parceiros dessa edição.  
Acompanhem nas redes sociais

Revista  
**JuMtos**

A Revista JuMtos é um coletivo cultural composto por jovens artistas da Baixada Cuiabana. Criado em uma escola pública de Cuiabá/MT, tem o objetivo de promover um espaço de acolhimento à juventude utilizando a arte e a cultura como ferramentas de promoção de justiça social. Oferece espaços de formação e capacitação cultural, eventos de integração e vivência juvenil. Uma experiência de oportunidade, promoção de identidade, companheirismo e muita arte!



Projetos parceiros dessa edição.  
Acompanhem nas redes sociais



A **clandestina** é uma casa de psicanálise, literatura e outras artes, um espaço sem fins lucrativos situado no coração de Caruaru, agreste de Pernambuco. Nasceu primeiro simbolicamente, em 2018, com os encontros mensais do clube de leitura, a publicação de uma revista e organização de eventos literários e culturais. Em fevereiro de 2024, a **clandestina** ganhou um espaço físico e passou a ser casa de diversos movimentos culturais na cidade a partir de três eixos principais: a psicanálise, a literatura e as artes. Trata-se de um lugar de experiências clínicas, literárias, artísticas, vividas sempre amorosamente, com ética e verdade; um ponto de encontro para pessoas amigas e interessadas em construir um futuro coletivo, onde seja possível sonhar - juntos - um mundo por vir.



← **umacasaclandestina** ↘ :



38  
publicações

790  
seguidores

28  
segundo

**clandestina**  
uma casa de psicanálise, literatura & outras artes em caruaru, agreste de pernambuco  
📍 rua gonçalves dias, 220, bairro maurício de nassau  
Ver tradução  
[linktr.ee/umacasaclandestina](https://linktr.ee/umacasaclandestina)

Projetos parceiros dessa edição.  
Acompanhem nas redes sociais



Escrito Descrito

Escrito Descrito foi um projeto criado por Mathenovê para divulgação de artes visuais e para acompanhamento do processo artístico do artista e escritor. São publicadas pinturas, esculturas, fotografias e eventos de arte. Um espaço que dá asas para o atual editor-chefe da revista Brasilis.

Acompanhe em [@escritodescrito](#)



← **escritodescrito** ⌂ :



336  
publicações

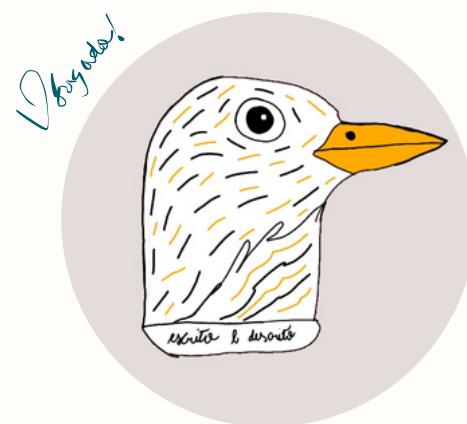
1.279  
seguidores

1.789  
segundo

Matheus Fernando (Mathenovê) he  
Caruaru-PE - artista visual, escritor, professor, mercadólogo e  
administrador est. enfermagem  
editor da [@brasilis.revista](#)  
coluna [@revista\\_ikebana](#)  
[Ver tradução](#)  
[linktr.ee/escritodescrito](#)

escritodescrito

contatos  
E-mail | [revistaescritodescrito@gmail.com](mailto:revistaescritodescrito@gmail.com)  
(81)99455-9247  
[@revistaescritodescrito](https://www.instagram.com/revistaescritodescrito)



Revista  
**JuMtos**

**clandestina**  
uma casa de psicanálise,  
literatura & outras artes



